



PUC-Rio

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Monografia de Graduação em Bacharelado e
Licenciatura em História

"Luis da Câmara Cascudo: Um Historiador Clássico?"

Tatiana Moreira Campos Paiva
Professora Orientadora Margarida de Souza Neves

Departamento de História

Junho de 2003

Em memória do meu querido avô João Baptista

SUMÁRIO:

1. Introdução	04 - 14
2. Capítulo I: Para que a memória não se apague	15 - 30
3. Capítulo II: O Tesouro da História	31 - 41
4. Capítulo III: <i>Historiador-colecionador</i>	42 - 53
5. Conclusão	54 - 57
6. Bibliografia	58 - 60

Introdução

Este trabalho é fruto da minha participação como bolsista de iniciação científica do Projeto Integrado de Pesquisa “*Roteiros e descobrimentos: Câmara Cascudo e os modernos descobrimentos do Brasil*”. Projeto coordenado pela professora Margarida de Souza Neves do Departamento de História da PUC- Rio e financiado pelo CNPq. Comecei a trabalhar neste projeto na sua etapa de conclusão, e mantive a vinculação com a equipe quando este primeiro projeto teve seu desdobramento numa segunda etapa, cujo objeto foi a produção historiográfica de Luis da Câmara Cascudo. O próprio título deste novo projeto, “*O Encantamento do Passado. Luis da Câmara Cascudo, Historiador*”, e seus objetivos principais foram, de muitas maneiras, inspiradores para este e muitos outros trabalhos dos estudantes de graduação e professores do Departamento que compõem a equipe de pesquisa.

Desde a primeira etapa da pesquisa, quando Câmara Cascudo foi selecionado para fazer parte do panteão de modernos descobridores do Brasil foi observado que seu perfil historiador, não só era um elemento significativo de seu perfil intelectual, mas também constituía-se num aspecto pouco abordado nas análises já existentes sobre o autor potiguar. Sua produção em história serviu como uma base analítica muito significativa para entendermos também sua produção etnográfica e folclórica. Como já sugeria o próprio Projeto

“percorrer os caminhos de sua produção especificamente histórica, tanto porque esta aparece como uma decorrência de suas preocupações com a busca daquilo que recorrentemente define como ‘as origens’ do Brasil e da cultura brasileira quanto porque é pela via da história, pelo recurso a historiadores e fontes históricas, e pelo que entende ser o método de trabalho do historiador que é possível aprofundar sua definição de uma identidade

para o país, para o brasileiro e, de forma particular, para o nordeste e o nordestino.”¹

O tema que me proponho a desenvolver deriva da interseção entre as questões mais gerais do Projeto e minhas próprias indagações pessoais. A hipótese central do trabalho parte da indagação sobre as raízes clássicas da história produzida por Câmara Cascudo. Esta hipótese de trabalho surgiu em um dos meus primeiros contatos com as obras desse escritor e dos encontros com a equipe de pesquisa do projeto. Cursando na época o segundo período da graduação, ou seja, tinha entrado a poucos meses atrás em contato com alguns historiadores clássicos, com a cadeira de Introdução à História I lecionada pela Professora Silvia Patuzzi, chamou minha atenção a forma tradicional, em muitos aspectos análoga àquela que caracteriza Heródoto ou Cícero - com que Cascudo percebia a história em muitos de seus trabalhos. Também é extremamente significativo que ao completar seus treze anos, o jovem Cascudo tenha recebido, como presente de seu pai, coleções completas de autores considerados clássicos, como Dante, Dostoiowsky, Platão, Aristóteles, o próprio Heródoto, entre outros. Sempre encorajadora e generosa em suas orientações, a professora Margarida de Souza Neves guardou minhas observações que acabaram se tornando minha área específica de estudo na pesquisa.

O trabalho em equipe abriu centenas de portas para meu estudo e fez deste um texto com diversos co-autores. Agradeço desde já às professoras Silvia Ilg Byington e Heloisa Serzedello Correa, às bolsistas que ainda fazem parte da pesquisa Mariana Giardini Beti, Isabel Tebyriçá Ramos, àqueles que entraram neste semestre no grupo, Barbara Cândida Soares, Cristiane Furtado e Eduardo Rebuzzi. Lembro aqui de Mirella De Santo Faria e Luiza Laranjeira da Silva Mello que já completaram o curso de graduação em história, mas com quem convivi muito tempo na pesquisa e das quais nunca vou esquecer o carinho, a amizade e generosidade no trabalho. Também não posso deixar de mencionar Joana Cavalcante, Flávio Kactuz e Rafael Aragon Guerra que estiveram presentes no meu momento inicial na equipe de pesquisa e dos quais muito me ajudaram no processo de

¹ Margarida de Souza NEVES: Projeto Integrado de Pesquisa “O Encantamento do Passado. Luis da Câmara Cascudo, Historiador” Coordenadora Margarida de Souza Neves. PUC-Rio/ Departamento de História/ CNPQ, Julho de 2000.

familiarização com o universo cascadiano. Um agradecimento especial à minha professora Margarida de Souza Neves, que teve uma grande importância na minha formação acadêmica e profissional, mas também na minha vida fora da universidade.

Gostaria de mencionar a fundamental importância que tiveram as aulas de Teoria da História I, com o Professor Marcelo Jasmim, que fizeram que o tema por mim proposto encontrasse um solo fértil para frutificar, o que me incentivou a encarar esse desafio.

Gostaria de agradecer aos meus amigos do movimento PUC-Diversidade que fizeram da minha passagem na universidade uma escola de vida, podendo aproveitar todos os seus âmbitos, não somente aqueles referentes à sala de aula.

Por último, mas em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais e meu irmão por me ajudarem sempre em minha trajetória e darem apoio em todas as minhas escolhas pessoais. Ao meu companheiro e amigo Peninha que sempre me deu opiniões sinceras e muito carinho nas horas de sufoco. A Selma que me acompanhou e me viu crescer, sempre me dando muito carinho e mimos, e também por me ensinar que o conhecimento é muito mais que àquele restrito aos âmbitos acadêmicos. A toda minha família pelo amor e a presença constante em todos os momentos.

Luis da Câmara Cascudo não é propriamente muito conhecido hoje, nos meio acadêmicos, como um historiador. É como folclorista que é reconhecido. “Mas é curioso observar a recorrência com que é identificado, sobretudo no Rio Grande do Norte, como o *historiador Luis da Câmara Cascudo*.”² Sua mulher, Dália Freire, seus amigos, como Mário de Andrade, seus interlocutores, aludem com frequência a ele como historiador e, em homenagens feitas a ele ainda em vida, Cascudo era freqüentemente lembrado como tal.

Seu reconhecimento (nacional e internacional) sempre foi como o folclorista brasileiro, nordestino, ou melhor, o folclorista de Natal. Mesmo sendo advogado por formação, os cursos de Direito Internacional que ministrava na Universidade Federal do Rio Grande do Norte eram na verdade, segundo o testemunho de seus ex-alunos, aulas sobre folclore . Escritor, tem uma produção bibliográfica de cerca de 150 livros sobre os mais variados assuntos. Escrevia, além de livros, muitos artigos, e publicou uma coluna diária no jornal norte-riograndense “*A República*” durante cinquenta anos³. Sem dúvida foi um dos grandes intelectuais nordestinos de sua geração, mostrando-se um estudioso apaixonado pelo Brasil, pelo Nordeste e muito particularmente pelo Rio Grande do Norte e a cidade de Natal que sempre aparecem como foco privilegiado de seu trabalho - e ainda pela cultura popular do país, preferencialmente analisada a partir de sua experiência de vida e lugar de inserção.

A cultura popular sem dúvida era a sua verdadeira paixão e objeto de estudo constante em suas obras, uma vez que ele mesmo a considera como a “cultura que vivemos”.

É a cultura tradicional e milenar que nós aprendemos na convivência doméstica. A outra é a que estudamos nas escolas, na universidade e nas culturas convencionais pragmáticas da vida. Cultura popular é aquela que até certo ponto nós nascemos sabendo. Qualquer um de nós é um mestre que sabe contos, mitos, lendas, versos, superstições, que

² NEVES, Margarida de Souza. "Artes e Ofícios de um 'Provinciano Incurável' ." IN: Projeto História. Nº 24 “Artes da História e outras linguagens”. São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós Graduação em História. 2002. pp. 65 a 86.

³ A crônica *Acta Diurna* escrita por Câmara Cascudo teve cinquenta anos de publicação diária no jornal A República.

*sabe fazer caretas, aperta mão, bate palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva.*⁴

Mas nem só de folclore e cultura popular entendia Câmara Cascudo. Sua produção bibliográfica não pode ser restringida somente a estas áreas. Muitos são seus escritos que abordam outros campos, inclusive e sobretudo a história. Podemos identificar cinco tipos de escritos históricos distintos nos seus trabalhos⁵. Em primeiro lugar, pode ser destacada sua produção voltada para a história em geral, e, particularmente, para a história do Brasil. Em segundo, seus escritos de história local e regional, dedicados à história da cidade de Natal e do estado do Rio Grande do Norte. Em terceiro lugar suas biografias de personalidades ilustres tanto do Rio Grande do Norte como nacionais e, em menor número, também estrangeiras. Também encontramos, em quarto lugar, a história nos seus livros memorialísticos, e por último, em um quinto grupo de seus trabalhos, os livros em que Cascudo escreve sobre a “história das coisas miúdas”, textos sobre o que hoje chamamos de micro-história, e que para ele não são escritos historiográficos mas sim estudos etnográficos e etnológicos, como a História da Alimentação no Brasil⁶, Jangada⁷, A Rede de dormir⁸ entre outros.

Na vida e no conjunto de obras de Câmara Cascudo é possível reconhecer um viés tradicional e conservador, que permeia toda sua bibliografia, seja nos seus livros de folclore, etnografia ou de história. Neste último conjunto de obras, temos uma escrita e um sentido da história que, além das raízes clássicas que pretendemos aprofundar neste trabalho, apresenta um claro viés tradicional.

Friederich Nietzsche, na segunda de suas Considerações Intempestivas apresenta três motivos que fazem a história uma atividade própria do homem:

⁴ Entrevista retirada dos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e realizada em Janeiro de 1979 pelo Jornal Folha de São Paulo.

⁵ NEVES, Margarida de Souza. "Artes e Ofícios de um 'Provinciano Incurável' ." OP. CIT.pp. 65 a 86.

⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. História da Alimentação. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.

⁷ IDEM. Jangada: Uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1957.

⁸ IDEM. Rede de dormir: Uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959.

“A história é própria do ser vivo por três razões: porque é ativo e ambicioso, porque tem prazer em conservar e venerar, e porque sofre e tem necessidade de libertação.”⁹

Sendo assim, existiriam para esse autor três formas de escrita da história: a monumental, a tradicionalista e a crítica. A história tradicionalista, tal como Nietzsche a define, é aquela na qual o historiador tenta conservar o passado, como uma homenagem ao que este representa, e por isso esse historiador está preocupado com a busca e a definição das origens e em como irá encontrar, no tempo, vestígios de uma história que está quase apagada. Seu objetivo é decifrar o passado para dele extrair um pressentimento para o futuro.

“Tudo o que é pequeno, limitado, adquire importância, pois a alma conservadora e piedosa do historiador tradicionalista transporta-se para esses objetos e neles faz um ninho. A história de sua cidade transforma-se na sua própria história; a muralha, a porta levadiça, o regulamento municipal, a festa popular são como que memorial ilustrado da sua juventude; neles se encontra com seu vigor, o seu ardor para o trabalho, o seu prazer, a sua sabedoria, a sua loucura e os seus excessos.”¹⁰

Não é difícil pensar o trabalho e a vida de Câmara Cascudo nesse cenário. Sua trajetória como um “provinciano incurável” sempre lhe proporcionou o título de cidadão ilustre de Natal, e o fato de nunca ter abandonado o estado do Rio Grande do Norte faz dele, quando se torna um intelectual reconhecido nacional e internacionalmente, uma autoridade indiscutível para qualquer assunto em sua terra natal. A cidade, assim como o estado, tornaram-se mais que uma parte da sua vida, e a sua vida se tornou, muitas vezes, um sinônimo e uma expressão do estado do Rio Grande do Norte e da cidade de Natal.

A revista Província, em 1968, com o intuito de homenagear Cascudo pelos seus quarenta anos de escritor, publica um número especial a ele dedicado. Nele o próprio Cascudo escreve um artigo intitulado “Um Provinciano Incurável”, no qual afirma:

*“Nasci na ruas das Virgens e o Padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre mas o sino tocava nas Trindades ao anoitecer. (...)
Nunca pensei em deixar a minha terra.*

⁹ NIETZSCHE, Friederich. Considerações Intempestivas. Rio de Janeiro, Ed. Presença. p. 117

¹⁰ IDEM, ibidem. p. 225

Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar e das estrelas, dos morros silencioso. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei os caminhos que levam ao encantamento do passado.”¹¹

Sua identificação com a cidade aparece, inclusive, em um dos pseudônimos que utiliza. Câmara Cascudo não chega a assinar seus livros como Câmara Cascudo de Natal, mas em diversas cartas assina “Luis Natal”. É o caso da carta escrita em 27 de abril de 1967 a Edson Carneiro e que assina como “Seu Luis Natal”¹². É certo que Cascudo não é reconhecido como “Luis Natal”, mas o gesto de assinar sua correspondência associando seu nome ao de sua cidade demonstra como ele estava enraizado no seu local de origem, e como este muitas vezes se refletia em sua figura pública.

Em seu artigo “Um Provinciano Incurável”¹³ Cascudo se define a partir de sua identidade provinciana, enfatizando os convites que já recebera para deixar Natal, como por exemplo o feito por Getúlio Vargas para que fosse para o Rio de Janeiro, e depois por Agamenon Magalhães, para se mudar para o Recife. Recusara ambos e permaneceu no Rio Grande do Norte sendo aquele que dá aulas na Universidade Federal, que escreve dezenas de livros, mas que também frequenta bares, conversa com os pescadores, senta nas praças, e é conhecido por todos, tanto pelos intelectuais como pelos humildes. Cascudo se torna um argumento de autoridade quando trata-se de confirmar algum dado, ou pesquisar um assunto sobre o Rio Grande do Norte e a cultura popular. É como se a palavra final fosse sempre dele. Ele confirma, ele desmente, ele afirma.

¹¹ CASCUDO, Luis da Câmara. “Um Provinciano Incurável” IN Revista *Província* n. 2. Natal, UFRN/IHGRN, 1998 (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969) p. 5. Cfr. NEVES, Margarida de Souza. O encantamento do passado. Luis da Câmara Cascudo Historiador. Rio de Janeiro, PUC-Rio/Departamento de História, 1999. (Projeto Integrado de Pesquisa apresentado ao CNPq. Mimeo)

¹² Carta de Luis da Câmara Cascudo a Edson Carneiro, datada de 27/04/1967 e conservada no acervo “Correspondência de Luis da Câmara Cascudo de 1951-81” conservado na Biblioteca Amadeu Amaral do Museu do Folclore do Rio de Janeiro.

¹³ CASCUDO, Luis da Câmara. “Um Provinciano Incurável “ IN OP. CIT p 5-6

Um excelente exemplo disto pode ser encontrado no artigo escrito por Carlos Drummond de Andrade, “Imagem de Cascudo”, no qual o poeta faz uma análise sobre o papel do Dicionário Brasileiro de Folclore. O artigo começa da seguinte forma:

“- Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo. O Cascudo aparece, e decide a parada. Todos o respeitam e vão por ele. Não é propriamente uma pessoa, ou antes, é uma pessoa em dois grossos volumes, em forma de dicionário que convém ter sempre a mão, para quando surgir uma dúvida sobre costumes, festas, artes do nosso povo.”¹⁴

Existe algo de peculiar nesta passagem, considerando que o Dicionário Brasileiro de Folclore é sua obra prima, ou seja, aquela pela qual ele é recordado com mais freqüência. Sem dúvida isto não aconteceu por acaso. Ainda mais se considerarmos a função dos dicionários. Segundo a historiadora Martha Abreu, a confecção de Dicionários, sempre preocupados com a busca das origens de determinadas palavras, no caso aquelas relacionadas ao folclore e à cultura popular, revela um enorme esforço de pesquisa.¹⁵ Ser reconhecido como um dicionarista e identificado a seu dicionário, revela mais um elemento que sublinha sua recorrente busca das origens. Ele, personificado no Dicionário do Folclore, acaba se transformando naquele que é o dono de um saber, o dono de uma verdade. Sua autoridade como pesquisador das origens se reflete nesta personificação. Para Drummond, e para muitos, não há diferença entre a pessoa do autor e essa sua obra. Ele é aquele que possui o conhecimento das origens, pois ele não deixa que elas se apaguem.

Como já foi dito, a história aparece de várias formas em sua produção. Permeando o território de muitos de seus livros, encontramos um aspecto peculiar ao trabalho de Cascudo. Uma dessas formas da história aparecer pode ainda, em muitos casos, ser aproximada àquela que a história tinha para os historiadores clássicos, e com a visão própria do mundo antigo sobre o que é a história, em especial aquela referente das perspectivas de Heródoto e de Cícero. Mais ainda: uma outra forma de entendermos o

¹⁴ IDEM, p 15-16.

¹⁵ ABREU, Martha. “Câmara Cascudo para historiadores” IN Sesmaria - Revista do NEHPS. Rio de Janeiro, ano 1, n^o 1, 2001. p 10.

trabalho de Câmara Cascudo como um historiador clássico, é aquela constituída por seu perfil de colecionador e de antiquário, e que sublinha o viés conservador e tradicional que já foi sugerido.

Retomando as proposições de Nietzsche sobre a escrita da história, o historiador tradicionalista, para este autor, também seria um antiquário, pois ao contrário de quem deseja fazer uma história monumental ou crítica “*quem quer perpetuar o que é habitual e venerado de há muito, encara o passado como antiquário e não como historiador.*”¹⁶

O objetivo principal deste trabalho é identificar Câmara Cascudo como um historiador que se aproxima do historiador clássico através de suas obras. Minha preocupação não é identificar se as obras historiográficas de Luis da Câmara Cascudo são ou não escritos clássicos, mas sim se este autor apresenta um viés clássico em seus trabalhos, sejam eles de história, etnografia ou de folclore.

No primeiro capítulo, procuro aproximar os escritos de Câmara Cascudo de raízes clássicas identificadas nos escritos de Heródoto, nascido em Halicarnassos, na Cária aproximadamente em 484 a.C.. Por sua participação na vida pública da cidade, opondo-se ao tirano Lígdamis, Heródoto foi obrigado a retirar-se de sua cidade natal e exilar-se durante dez anos. Foi durante esse período que nasceu sua obra Histórias, que teria sido lida em público por volta de 445 a.C.. Seu trabalho foi extremamente inovador, não por ter inventado a História como a conhecemos hoje, o que, em geral é atribuído a Tucídides, que irá continuar a trajetória de Heródoto, mas porque suas Histórias possuem um trabalho de investigação e a busca e classificação de informações. Apesar de ainda utilizar muitos elementos míticos, Heródoto realiza um grande salto no sentido da distinção entre os relatos referidos ao universo dos deuses e aqueles relativos ao mundo dos homens. Não é sem razão que Cícero o considera como o “*Pai da História*”.

No segundo capítulo, tento buscar algumas analogias entre os escritos históricos de Câmara Cascudo e a história tal como proposta por Marco Túlio Cícero, nascido em Arpino, perto de Roma, no ano 106 a.C.. A formação de Cícero para a vida pública começou desde cedo, sendo educado para carreira política. Tornou-se o maior orador

¹⁶ NIETZSCHE, Frederich. OP. CIT. p. 124

romano de todos os tempos, contribuindo para a construção do estudo do Direito e a formulação das leis. A ética e a justiça faziam parte de suas preocupações principais, uma vez que a vida pública era, para ele, uma arena de conduta exemplar. Além da constituição do Direito devemos a Cícero uma grande contribuição para a história. Sua concepção da história como *Magistra Vitae* permanece até os dias de hoje como uma referência para a compreensão das transformações que o estudo e a escrita da história sofreu.

No terceiro capítulo, o objetivo central é identificar o perfil de Luis da Câmara Cascudo como um antiquário e colecionador, e essa aproximação se mostrou necessária para que o trabalho distinguisse os matizes clássicos de sua escrita de seu perfil de intelectual ou, se quisermos operar com os conceitos de Nietzsche, com suas características de “*historiador tradicionalista*”.

Sem dúvida tentar encontrar analogias entre esse intelectual brasileiro do século XX com dois historiadores clássicos, tais como Heródoto e Cícero, e com os antiquários pode ser um pouco estranho e, no mínimo, curioso. Com certeza as diferenças entre estas práticas historiográficas não causam tanto espanto quanto as recorrentes aproximações possíveis. Mas um leitor atento aos sinais que Cascudo nos deixa em seus livros, percebe muito mais do que somente seus estudos sobre a história, o folclore ou a cultura popular. Frequentemente encontramos pistas que nos levam a pensar em outros caminhos, sobre os trabalhos e os objetivos, desse representante de um tipo de letrado muito presente na intelectualidade brasileira. Entre tantas outras, algumas pistas levam o leitor a encontrar traços de uma escrita histórica de raiz clássica, ou da prática dos colecionadores-antiquários, tanto no entendimento de Câmara Cascudo sobre o que representa a história, como no que ele entende ser o papel do historiador.

Por ser esse um trabalho de final de curso, fica registrado aqui uma parte do que foi minha experiência de graduação. Gostaria de ressaltar, no entanto, que muitas outras atividades e aprendizados tive durante minha trajetória universitária. Meu desejo é que a leitura desse trabalho seja prazerosa. Sua escrita, aflições e impasses à parte, certamente o foi.

Capítulo I

Para que a memória não se apague

Heródoto e Luis da Câmara Cascudo. Como podemos pensar em aproximar um homem que viveu em tempos remotos de nossa civilização ocidental a outro que viveu no século XX? O que dois escritores de tempos tão distintos podem ter em comum?

A história escrita por Luis da Câmara Cascudo pode ser vista de várias formas. Entretanto, na sua escrita histórica permanece um viés muito marcante que sugere olhar para os historiadores clássicos, e, entre eles, para Heródoto. Não podemos deixar de apontar as analogias possíveis entre os dois autores, nem, muito menos, esquecer as diferenças entre esses historiadores.

A hipótese deste primeiro capítulo é a de que é possível identificar uma relação entre a produção historiográfica de Luis da Câmara Cascudo, nosso objeto de análise, e alguns aspectos da história tal como proposta e escrita por Heródoto. É no significado e no primado do “ver”, do “olhar” e do “ouvir”, assim como na função atribuída à história e seu legado para o futuro que é possível buscar essa relação entre ambos os historiadores, por outro lado tão distantes na experiência histórica vivida e nas questões propostas por essas temporalidades diversas aos agentes sociais.

1.1. PARA QUE OS FEITOS MARAVILHOSOS SEJAM LEMBRADOS

O primeiro capítulo do Livro I de Histórias apresenta para os leitores o objetivo do livro e por que Heródoto o escreveu:

“1. Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles guerrearam.”¹⁷

Há algumas considerações a serem feitas em relação à função da história neste primeiro capítulo do livro. Podemos apontar a função da história para Heródoto como sendo eminentemente pedagógica. Ele escreve sobre os feitos maravilhosos dos homens pois esses não podem ficar esquecidos no tempo. Devem ser repassados para as gerações

¹⁷ HERODOTO. Livro I, 1.

futuras como modelo de comportamento e exemplo de ação. A história tem uma função pedagógica pois seu objetivo, para esse autor, é ensinar através de fatos já ocorridos, para que os erros não sejam repetidos e os acertos possam ser admirados. Aparece portanto um sentimento de herança que deve ser transmitida, uma tradição.

Respeitadas as diferenças, a questão da tradição é muito presente nos estudos de Câmara Cascudo, e constitui uma preocupação constante em seu trabalho intelectual. E é precisamente sob esse prisma que é possível encontrar um ponto de tangência – e algumas distinções - em relação ao o historiador clássico.

Apesar de Cascudo não estudar “*os feitos maravilhosos dos helenos e dos bárbaros*”, como pretendia fazer Heródoto, ele também procura os atos heróicos de homens que, na sua opinião, resumem uma civilização:

*"O fato memorável é um saldo das nossas imperfeições sublimadas, dos nossos sonhos positivados no plano superior da materialização. Cada herói é um resumo do seu tempo, do seu mundo, de sua civilização, um índice positivo do esforço orgulhoso da maioria que ele simboliza e eleva ad immortalitatem..."*¹⁸

Para Cascudo os atos maravilhosos dos homens são registros da cultura popular, como o canto do pescador, a forma como se faz a jangada, a comida tradicional da região nordestina e do Brasil¹⁹. Esta particularidade pode ser identificada como uma diferenciação entre Cascudo e Heródoto, pois para o primeiro os fatos memoráveis são principalmente os acontecimentos do dia a dia, os fatos cotidianos, enquanto que para Heródoto os acontecimentos heróicos são as disputas, a guerra, ou seja, os acontecimentos mais impactantes, que dizem respeito sobretudo à vida pública.

Para Cascudo a banalidade da vida cotidiana tem extrema importância pois os heróis são, para ele, pertencentes a duas linhagens: por um lado os grandes homens, para ele os que imprimem direção à história, cuja trajetória pode apresentar-se aos demais como

¹⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. "A Função dos Arquivos". Separata da Revista do Arquivo Público, ano 7 a 10, n 9-12. Recife, Arquivo Público, 1952-1956. p. 432.

¹⁹ Os livros que Câmara Cascudo considerava como estudos etnográficos são de grande importância no seu conjunto de obras. O leitor pode conhecê-los melhor acessando o site da Pesquisa “O Encantamento do Passado. Luis da Câmara Cascudo historiador.” www.modernosdescobrimientos.inf.br.

exemplaridade ética e, por outro, aqueles que mantêm viva a cultura popular, e esses são os que são portadores da tradição que será objeto dos estudos folclóricos de estudiosos como o próprio Cascudo e, assim, transmitida às gerações futuras.

A História é portanto, para o escritor natalense, um instrumento para que seja conservada a memória de fatos e de pessoas que o próprio Cascudo selecionará para o panteão da posteridade, ou seja, será o trabalho de historiadores que partilhem de sua concepção de história que definirá quem deve ser lembrado e ficar na lembrança das gerações futuras. Em seu artigo “A Função dos Arquivos” Cascudo apresenta essa idéia:

"História é o registro cronológico dos fatos memoráveis... Dos fatos memoráveis apenas. Um fato memorável como pode ser fixado? Naturalmente pelo consenso dos homens que o motivaram. Mesmo negando a imortalidade divina amaríamos emprestar os halos da perpetuidade aos nossos atos. Decretamos a vitaliciedade da admiração futura aos mesmos assuntos que admiramos agora. Escolhemos um homem, uma doutrina, um livro, um poema, uma estátua, um vício, uma idiossincrasia e declaramos sua inarredável eternidade no tempo. Falemos como outrora nas páginas da História..."²⁰ .

Seus objetos de pesquisa são diferentes daqueles que Heródoto privilegiou, mas é curioso observar como seu objetivo como pesquisador e estudioso da cultura popular é muito próximo ao proposto por Heródoto para uma história ainda distante das noções de pesquisa e de ciência: *resgatar* o passado e *registrá-lo* como **tradição**. A tradição representa, para o escritor potiguar, muito mais do que o passado. Representa a *origem*, entendida não propriamente como o marco inicial, mas como o lugar do encontro entre o particular de uma dada história com o Universal da civilização. Não é sem razão que, para ele, o estudo do folclore, campo intelectual que o tornaria reconhecido nacional e internacionalmente, possui três fases: *colheita, confronto e pesquisa de origem*.²¹

Diferentemente de Câmara Cascudo, Heródoto não se mostra tão preocupado com as origens dos fatos por ele narrados, mas enfatiza a relevância dos marcos iniciais ao afirmar por diversas vezes a importância do povo egípcio como a primeira civilização do mundo. Temos desta forma um ponto de aproximação entre o horizonte do sentido da história de Câmara Cascudo e o de Heródoto, podendo permitir que o primeiro seja

²⁰ IDEM, *ibidem*. p. 431.

entendido como um historiador que cultiva um fazer histórico com alguns traços daquele que é próprio do historiador clássico. Se a *história* nos remete à “busca, investigação, pesquisa” então, nas palavras de Mário da Gama Kury,

*“o historiador, do ponto de vista etimológico, é uma pessoa que se informa por si mesma da verdade, que viaja, que interroga, em vez de limitar-se a transcrever dados à sua disposição e repetir genealogias, cronologias e lendas, ou compilar registros relativos à fundação de cidades, tudo com o intuito exclusivo de satisfazer a curiosidade ingênua de um público ainda pouco exigente, sem estabelecer a menor distinção entre acontecimentos reais ou relatos imaginários, entre fatos ou peripécias fantásticas.”*²²

Ainda que de formas distintas, com diversas inserções na história e na cultura de seus tempos, Cascudo e Heródoto são **investigadores da origem**, ambos **procuram as raízes** do que investigam, e ambos escrevem para buscar a **tradição** que deve ser herdada pelos povos e pelo futuro.

1.2. TESTEMUNHAS OCULARES

A investigação traz um outro ponto de aproximação entre Câmara Cascudo e Heródoto, que seriam as viagens feitas por ambos em suas atividades de investigação. Câmara Cascudo viajou o sertão, fez pesquisas na África sobre a alimentação africana que deram origem aos livros Made in África²³ e História da Alimentação no Brasil²⁴. As viagens eram, para ele, uma forma de chegar até a fonte, até a origem, ou seja, eram elementos de legitimação de seu trabalho intelectual.

“*Meninos eu vi!*” Essa era uma das epígrafes prediletas de Câmara Cascudo. Geralmente as epígrafes não querem teorizar nada, apenas nos dão uma pista de como será o tom do texto, e o que o autor está procurando com aquele trabalho. Entretanto, no caso de Câmara Cascudo as epígrafes podem ser extremamente significativas, pois além de usá-las

²¹ IDEM. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo, 1988. p XXIII.

²² HERODOTO. HISTÓRIA. OP. CIT. p 9.

²³ CASCUDO, Luis da Camâra. Made in Africa: Pesquisas e notas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

²⁴ IDEM. História da Alimentação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

em quase todos os seus livros, nos mostra algumas facetas relevantes para a compreensão de seu trabalho através desses pequenos escritos. Salmos da Bíblia, expressões em latim, textos em francês e, claro, ditados populares, introduzem suas obras como uma breve apresentação e uma síntese eloqüente do seu pensamento. Essas epígrafes servem, antes de tudo, para ilustrar sua erudição e seus conhecimentos versáteis.

O fato de usar várias vezes a epígrafe “Meninos, eu vi!” não é um mero acaso. Sem dúvida é uma forma de afirmar sua autoridade enquanto testemunha dos fatos, e é também uma síntese de seu método de pesquisa e expressão daquilo que legitima seu trabalho. Em Tradição, Ciência do Povo²⁵, por exemplo, dá início ao o livro com a frase retirada dos versos de Gonçalves Dias:

*“E à noite nas tabas,
se alguém duvidava
do que ele contava,
tornava prudente:
- Meninos, eu vi!”*²⁶

É portanto através de suas viagens pelo sertão do Brasil, pela África, por Portugal, pelas cidades do Brasil, ou até mesmo aquelas que fazia sentado em sua biblioteca, que Cascudo consegue ampliar e colher um conhecimento empírico, pois são com essas viagens que fundamenta sua autoridade etnográfica e histórica.

No caso de Heródoto uma importante característica de seu trabalho, o valor testemunhal, pode ser fundamentada por suas viagens, uma vez que essas se constituem na condição de possibilidade de sua narrativa singular. É claro que as viagens de Heródoto possuem um perfil diferente e singular em relação àquelas feitas por Câmara Cascudo, uma vez que o primeiro estava exilado por motivos políticos. Entretanto, seu objetivo final pode ter um significado análogo no que diz respeito à escrita da história.

A comparação e a analogia estão constantemente presentes nos relatos de Heródoto, como recurso de retórica e erudição, presentes no gênero literário das narrativas de viagem na antigüidade. É importante mencionar que Heródoto não foi o primeiro a utilizar essa forma de escrita, mas foi o primeiro a fazer uso dela para a escrita da história. Segundo François Hartog,

²⁵ IDEM . Tradição, Ciência do Povo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971. p. 5

“Na narrativa de viagem, funcionando como tradução, a comparação estabelece semelhanças e diferenças entre ‘além’ e ‘aquém’, esboçando classificações.”²⁷.

Esta é portanto a forma para estabelecer um paralelo entre um povo e outro, entre uma cultura e outra. Muitas vezes esse paralelo permite uma melhor compreensão de civilizações distintas, como por exemplo quando é possível apontar costumes em comum, hábitos semelhantes, crenças parecidas, que possibilitam ao autor-viajante, em sua coleta de dados, construir uma História que confira sentido ao que é visto em outros povos e permita a inteligibilidade do que é narrado para os seus leitores. O objetivo de Heródoto é sempre o mesmo, por isso sua busca pode ser muitas vezes o conhecimento “por comparação”, feita a partir da observação direta, uma vez que não poderia consultar outras fontes. Ao comparar relatos, Heródoto privilegia os povos mais antigos, aqueles que puderam estar mais perto do que pretende narrar.

Para ele, os testemunhos possuíam qualidade, e situavam-se de formas distintas numa hierarquia de valor, com base em quatro critérios: em primeiro lugar o mais importante é a opinião coletiva, válida para um número maior de testemunhos. Em segundo o autor valoriza mais o testemunho de alguém da cultura que quer dar a conhecer ou que procura investigar. Em terceiro lugar, privilegia o testemunho dos povos gregos, apesar de contar também a história dos bárbaros. Por último conferia grande valor aos testemunhos dos egípcios, que eram mais dignos de confiança por serem mais antigos. O povo egípcio teria forte credibilidade de testemunho, pois possui “*mais passado*”, era como se representasse uma ligação com o início do mundo e, portanto, da história, fornecendo um solo firme para ancorar sua narrativa.²⁸

Heródoto escreveu *Histórias* durante sua trajetória pelo oriente do Mediterrâneo, passando pelas ilhas do mar Egeu, a costa da Trácia, a Macedônia, as cidades da Grécia e do Peloponeso, bacia ocidental da Sicília e Magna Grécia, que teria sido o limite de seu percurso. Foi a partir de suas passagens por esses lugares que ele pôde recolher elementos

²⁷ HARTOG, François. OP. CIT. p. 240

²⁸ PESCHANKY, Catherine Darbo. O Discurso do Particular. Ensaio sobre a investigação de Heródoto. Brasília, UNB, 1998.

para sua obra. A investigação sobre outros povos só poderia ser feita com uma longa jornada, uma vez que não se supunha possível um método para a História, ou a consulta de arquivos como de qualquer tipo de documento histórico. O método investigativo desenvolvido por Heródoto foi sem dúvida um dos importantes diferenciais para que ele pudesse, como foi posteriormente assinalado por Cícero, ser reconhecido como o “Pai da História”. O título de historiador significa, portanto, um passo a frente, uma vez que *história* quer dizer originariamente “*busca investigação, pesquisa*”.

No caso de Heródoto, esse passo à frente reside no fato de que escreve portanto a história dos homens e não dos deuses, instaurando assim um corte em relação a outros relatos helênicos. Ele afirma no *Proêmio* da sua obra Histórias o elemento que define o domínio da história que irá relatar: as ações humanas. O Homem é o centro de suas histórias, e o próprio Heródoto o ponto de partida:

“...prosseguirei com minha história, falando igualmente das pequenas e grandes cidades dos homens pois muitas cidades outrora grandes agora são pequenas, e as grandes no meu tempo eram outrora pequenas.”²⁹

Uma vez que na perspectiva do autor grego o fazer história não se limita apenas à enumeração de grandes nomes e à narrativa de guerras e batalhas que influenciavam a vida pública, é possível ver em seus escritos um marco no fazer histórico, pois a investigação, referência e levantamento de dados constituem procedimentos básicos no trabalho do historiador.

Não podemos dizer que Câmara Cascudo utiliza o relato de viagens nos mesmos moldes, ou que faz uso dos mesmos procedimentos utilizados por Heródoto. Entretanto, as viagens, assim como a presença física a certos lugares, dão a Cascudo um importante elemento para sua produção intelectual e sua memória construída, por outros e por ele mesmo. O fato de deslocar-se fisicamente e entrar em contato com as pessoas ou manifestações culturais que ele estuda, possibilita a **convivência** com seus objetos de estudo. Um outro deslocamento, aquele que, sem a mobilidade física se faz através da coleta de material de pesquisa através da prática epistolar, se constitui num procedimento igualmente importante para Câmara Cascudo. Sua vasta correspondência, ainda fechada aos

²⁹ HERODOTO. Livro I, 13.

pesquisadores mesmo que conservada no Memorial que leva seu nome, em Natal, dava a Cascudo a possibilidade de coletar dados sobre terras distantes, o que consiste em um aspecto extremamente importante de seu método de trabalho.

A *convivência* é um conceito fundamental em sua obra como um todo³⁰. É esta convivência que faz dele uma testemunha da história, um historiador *honesto*, uma vez que sua experiência não é apenas abstrata, conseguida através de livros e leituras, mas também empírica e experiencial:

“Cascudo tenta aliar sua bagagem intelectual proveniente de suas vastas leituras, e, desse modo, seu contato, com o que ele mesmo denomina, de a ‘Biblioteca’, referindo-se à cultura livresca e conformada através do estudo e da erudição letrada, quanto o aspecto da experiência, que ele chama de ‘Convivência’, do trato cotidiano com o povo simples do sertão como da cidade, que sempre considerou seus informantes privilegiados, adquirida pelo fato de ter nascido na Província e permanecer nela.”³¹.

As viagens dão a ambos a possibilidade de entrar em contato com as origens daquilo que pretendem relatar. A forma investigativa da qual os dois autores fazem uso pode propor outro aspecto a ser discutido. As viagens possibilitam, a descrição de fatos que esses escritores encontram nos lugares que visitam, pois é através delas que se torna possível **ver** o que se deseja investigar. As *Histórias* são conjuntos de descrições que permitem ao leitor, ou ao ouvinte, entender o que o próprio autor presenciou. Segundo Hartog *“Descrever é ver e fazer ver: é dizer o que você viu, tudo que viu e nada mais do que viu.”³²*. Em uma passagem do Livro II no capítulo 12, Heródoto nos dá um exemplo de como seu testemunho era importante:

“A respeito do Egito, então, creio, naqueles que falam assim e eu mesmo estou plenamente convencido disso, pois vi que o Egito avança mais pelo mar que os territórios vizinhos...”³³

³⁰ NEVES, Margarida de Souza. “O Sertão (en) cantado: cores e sonoridades” IN STARLING, Heloisa et al (orgs) Decantando a República.

³¹ FARIAS, Mirella de Santo. Memórias de um Menino Sertanejo. O Sertão de Luis da Câmara Cascudo. (Monografia de bacharelado). Rio de Janeiro: PUC-Rio/Departamento de História, 2001.

³² HARTOG, François. OP. CIT.. p. 261.

³³ HERODOTO. Livro II, 12. (grifo meu).

Assim como quando Heródoto testemunha um fato ele se transforma na autoridade que pode dar dele testemunha, o contrário acontece quando ele não viu aquilo sobre o que está falando:

"São essas as versões dos persas e dos fenícios. Quanto a mim, não direi a respeito dessas coisas que elas aconteceram de uma maneira ou da outra, mas apontarei a pessoa que, em minha própria opinião, foi a primeira a ofender os helenos, e assim prosseguirei com minha história..."³⁴

Por não ter presenciado o que fez desencadear a Guerra de Tróia, Heródoto dá a sua opinião, não confirma, não desmente, apenas aponta o que lhe parece ser o mais certo.

O “ver”, o significado do “olhar” é sem dúvida relevante para os dois escritores, ainda que, necessariamente, o olhar de um homem do século XX seja radicalmente distinto daquele de um homem do mundo helênico. Em Heródoto o ter visto com seus próprios olhos o que relata é tão significativo como para Câmara Cascudo, que é a “testemunha ocular” do que estuda. Sua condição de testemunha fortalece sua autoridade ao escrever, confere credibilidade a Cascudo, pois ele olhou e soube ver, esteve nos lugares sobre os quais escreve, falou com o povo da região que estuda, comeu a comida que descreve, dormiu na rede que analisa, e testemunhou as experiências que relata.

Uma vez que ele viu, pode expressar-se com segurança e autoridade sobre o que foi visto, considerando desnecessário citar fontes precisas, ou documentos que comprovem o que está dizendo. Aparentemente de modo análogo a Heródoto, utiliza um método de trabalho que baseia sua legitimidade em ser, também ele, a “testemunha ocular”.

Na análise que faz sobre Heródoto, François Hartog observa que

“...trata-se do olho como marca de enunciação, de um ‘eu vi’ como intervenção do narrador em sua narrativa para provar algo.”³⁵

Hartog continua indagando sobre o mesmo tema e lembra que *Histor*, é, em época muito antiga, a testemunha, “a testemunha enquanto aquele que sabe, mas desde logo,

³⁴ IDEM. Livro II, 33.

³⁵ IDEM, ibidem. p 273.

também enquanto aquele que viu".³⁶. Essas observações sobre Heródoto, para um leitor pouco cuidadoso aos perigos do anacronismo e ao sutil relevo da História que obriga ao historiador a inventariar, constantemente, as diferenças³⁷, poderiam ser aplicadas sem mais cuidados à Luís da Câmara Cascudo.

A diferença principal entre Heródoto e Cascudo é que no relato do primeiro não há distinção entre o **ver** e o **dizer**, é um olho que fala e que afirma, sendo sempre uma testemunha. Em Cascudo existe uma esfera que separa esses dois âmbitos. Apesar dele também se constituir como testemunha, possui outras formas de afirmar o que pretende. Não é somente o ver que legitima seu trabalho, uma vez que ele, intelectual do século XX, dispõe de outras fontes para comprovar o que quer afirmar.

Há também, além do “**ver**” e do “**olhar**”, o “**ouvir**”. Em Locuções Tradicionais do Brasil Cascudo começa o livro anunciando um possível método de pesquisa logo no prefácio:

*“Todas as locuções reunidas neste livro foram ouvidas por mim. Nenhuma leitura sugeriu indagação. Vieram para documentá-las no Tempo.”*³⁸

Um outro exemplo do **ouvir** para Cascudo pode ser encontrado em Tradição, Ciência do Povo:

*“Não me foi possível maior extensão geográfica por que trabalho sozinho. Houve, no entretanto, a vantagem do conhecimento direto em que a reminiscência se defende do Olvido. A maioria do registro não resultou de cousas olhadas para a notação curiosa, espécie de turismo em Wonderland, mas vistas, vividas na adolescência sertaneja e maturidade urbana. (...) Ouiremos a Tradição, Ciência do Povo...”*³⁹

Os relatos orais são muito valorizados por Câmara Cascudo e, para ele, o “ouvir” deve ser apreciado por todos os intelectuais. Em seu livro Literatura Oral no Brasil aponta

³⁶ IDEM, ibidem p. 274.

³⁷ VEYNE, Paul. Inventário das Diferenças. São Paulo, Brasiliense, 1983.

³⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. Locuções Tradicionais no Brasil. Rio de Janeiro, Funarte, 1997. (3ª ed.) (grifo meu)

³⁹ IDEM. Tradição, Ciência do Povo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971. p. 6.(grifo meu)

para a importância deste tipo de literatura, que não dispõe de registros perenes, sendo pouco estudada e muito menos respeitada. A tradição oral está viva para Cascudo nos costumes, danças, cantos, contos etc. A Literatura Oral está, para este autor, em oposição à Literatura Oficial, enquanto a primeira é modesta e ignorada e a segunda está subordinada à vaidade, buscando sempre homenagens.

"A literatura oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de clássicos, (...) cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva com seus gêneros, espécies, finalidade, vibração e movimento, continua rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato."⁴⁰
Continua Cascudo sobre a diferença entre as duas: *"A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas (...) expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas (...)"⁴¹*

A literatura oral é aquela que o povo pratica, por isso Cascudo valoriza sua importância, pois ela fornece ao estudioso a possibilidade de ter acesso aos vestígios de tradições milenares que estão conservadas na cultura popular, nas práticas do cotidiano do povo.

Uma outra diferença torna o discurso oral mais importante para Heródoto do que para Cascudo, como não poderia deixar de ser uma vez que Heródoto vive em um mundo presidido pela oralidade, no qual a palavra enunciada vale enquanto conhecimento. É um mundo não da escrita mas da palavra escrita, razão pela qual sua obra *Histórias* foi produzida para ser ouvida em leitura pública. Em Heródoto o “eu ouvi” pode ser tão importante que o “eu vi”. Mais ainda, o “eu ouvi” se faz mais presente e pode ter maior importância do que o “eu li”. Heródoto muitas vezes se mostra desconfiado em relação às inscrições que encontra. Inclusive não se preocupa com elas, muitas vezes nem ao menos sabendo traduzi-las. Dispõe de intérpretes, mas não se mostra muito convencido com o que acha. É claro que esse historiador sabe da importância da escrita e dá valor à ela,

⁴⁰ IDEM. Literatura Oral no Brasil. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia / São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984. p.27. (3ª ed)

⁴¹ IDEM, *ibidem* p. 27.

principalmente quando menciona os egípcios, pois teriam sua memória fixada para a posteridade por possuírem escrita, mas sabe que não basta ler para comprovar algo.

No que diz respeito à história e à forma de fazer história é possível afirmar que tanto Heródoto quanto Câmara Cascudo utilizam os sentidos humanos como mediação para a compreensão do fazer histórico. O fato de recorrerem constantemente ao testemunho dos sentidos, a visão – o ver , a audição – o ouvir , o tato - o contato físico com seus objetos de estudo - nos remete à construção de um fazer histórico relacionado à memória, quase sempre relacionada a uma mediação sensorial.

Essa estreita relação entre memória e história para Cascudo como na escrita de Heródoto, é sugestiva. Pierre Nora propõe que a memória é apanágio das sociedades primitivas, e que, no mundo da escrita, em que os suportes externos substituem o exercício permanente da memória, a “*memória verdadeira*” já não existe, dando lugar ao que ele denomina de “*lugares de memória*”⁴². Memória e história estão longe de representar sinônimos perfeitos. Contudo, permanecem em uma íntima relação, uma vez que assim como a memória a história também é seletiva. Assim como a memória é construção “fiel e móvel”, nas palavras de Jacques Le Goff⁴³ , a história também o será. A memória, assim como a história, é um campo no qual se cruzam esquecimentos e lembranças, invenção e registro, projeto e identidade, ficção e realidade.

Para ambos os autores a história representa a construção de uma memória que deve permanecer enquanto registro, seja oral ou escrito. Entretanto, na concepção de história de Câmara Cascudo há uma importante e definitiva diferença em relação à função da história para Heródoto.

A história tem para Câmara Cascudo um sentido de conservação do passado para que a tradição, ou seja, o que é memorável, não caia no esquecimento. Sua preocupação em construir uma memória para a posteridade é fundamental para a compreensão da história que escreve e mesmo de seus trabalhos sobre folclore.

⁴² NORA, Pierre. “Entre a História e a Memória. A problemática dos lugares” IN Revista Projeto História n^o 10, São Paulo, Educ/PUC-SP, 1981.

⁴³ LE GOFF, Jacques. “Memória” IN Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984.

A memória pode ser utilizada como instrumento de poder, como assinala Jacques Le Goff :

*“a memória foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais do poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.”*⁴⁴.

Ao fazer memória escrevendo história e ao remeter a tradição à memória ancestral presente no folclore e na cultura popular Câmara Cascudo é um *mnemon*, um *homem-memória*, detentor de um poder e de uma autoridade dos que parece estar plenamente consciente e dos que não abre mão ao longo de sua trajetória intelectual. Para Cascudo, a preservação do passado, a possibilidade de romper o seu **encantamento** e ressucitar o tempo passado⁴⁵ é a razão de ser da escrita da história e dos estudos de folclore e cultura popular. Por isso vê seu papel como intelectual e, em particular, como historiador, não como o de intérprete mas como o de garimpeiro de segredos antigos, adormecidos nos arquivos a espera de um historiador que os possa trazer à luz. Por isso nega, tanto para a etnografia quanto para a história, o papel das preocupações de ordem teórica. E, convém lembrar que para Cascudo a “tradição é a ciência do povo”⁴⁶, assim como convém igualmente não esquecer que o autor deixa claro que o povo ignora ser portador desse conhecimento, que só será revelado com a sua mediação de intelectual.

Esse objetivo de Câmara Cascudo ao perceber sua função como a de um resgate da memória, uma preservação do passado da ação corrosiva do tempo situa a história como uma ação, por definição, conservadora, uma vez que ao historiador cabe conservar o passado como tradição. Por essa razão o que Cascudo pretende fazer parece ter um horizonte de sentido diametralmente oposto ao que Heródoto realizou ao fazer história. .

⁴⁴ IDEM, Ibidem. p.13.

⁴⁵ NEVES, Margarida de Souza. "Artes e Ofícios de um 'Provinciano Incurável' ." IN: Projeto História. Nº 24 "Artes da História e outras linguagens". São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós Graduação em História. 2002. pp. 65 a 86.

⁴⁶ IDEM, Ibidem.

Segundo Arnaldo Momigliano⁴⁷, Heródoto orienta sua escrita da história numa dupla direção: o registro dos fatos e a separação entre o que ele próprio viu daquilo que simplesmente ouviu. Sendo assim, é possível afirmar que para Heródoto o sentido da tradição na sua escrita da história se reveste de um significado muito mais abrangente do que simplesmente salvar os acontecimentos do esquecimento. Heródoto estava inaugurando a histórica como investigação, baseada na exploração do esquecido e do desconhecido. Heródoto procura testemunhar os acontecimentos, enquanto faz uma importante distinção entre o que foi visto e o que foi ouvido, o que segundo Momigliano inicia um novo conceito de pesquisa, uma vez que em um mundo onde a oralidade é mais presente que a escrita, essa operação significa um grande salto. Com Heródoto, a história inaugura sua função de memória coletiva consciente, conquista que permanecerá para outras gerações conhecerem-se a si mesmas.

Segundo Le Goff ,

“... a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.”⁴⁸.

Sendo assim uma operação humana, a memória não mais pertence ao mundo dos deuses. Mnemosyne e Clio, são irmãs, mas são distintas, e não pertencem ao panteón olímpico: são musas que inspiram os homens. O fazer história de Heródoto mostra que estão a serviço dos homens, pois é por eles, e não mais pelos Deuses que a história é feita.

Nos escritos desse historiador do mundo Helênico a história não serve para conservar o passado mas sim para inaugurá-lo enquanto um objeto de estudo, ou seja, um estudo das ações humanas.

Por isso, mesmo reconhecendo pontos de tangência, possíveis analogias e algumas recorrências entre os dois existe uma diferença fundamental entre o sentido do fazer História para Luis da Câmara Cascudo e o sentido da História escrita por Heródoto, autor

⁴⁷ MOMIGLIANO, Arnaldo. The Classical Foundations of Modern Historiography. Los Angeles, University of California Press, 1990. p. 37

⁴⁸ IDEM, *ibidem*. p. 46.

que leu ainda muito jovem⁴⁹. Enquanto Câmara Cascudo parece canonizar, pela história um panteón de heróis e homens exemplares, Heródoto retira a história do plano Sagrado, e mostra que é obra dos homens e deve estar a serviço destes.

⁴⁹ Durante o estágio feito por toda a equipe em Natal nos meses de janeiro e fevereiro de 2002 foi possível conseguir informações a cerca dos livros que Cascudo possuía em sua biblioteca, assim como observar suas anotações dentro desses livros.

Capítulo II

O Tesouro da História

O objetivo deste segundo capítulo consiste em analisar nas obras de Luis da Câmara Cascudo uma preocupação com uma história exemplar, tal como Cícero propunha, além de tentar estabelecer qual seria a função de *Magistra Vitae* para Câmara Cascudo, considerando as possíveis diferenças entre esses dois historiadores, principalmente no que se refere ao “tesouro da história”.

Quando Cícero começa a dedicar-se ao estudo da história seus objetivos iniciais são basicamente dois. O primeiro seria formalizar um tipo de escrita ao mesmo tempo informativa e eloqüente. Queria inverter a lógica presente naqueles que escreviam a “história”, ou seja passar “da simples anotação e ausência de eloqüência ao discurso ‘ornado’ e à eloqüência.”⁵⁰. Seu segundo objetivo era ampliar a possibilidade de autoria da escrita da história que antes pertencia somente ao pontífice. Era essa autoridade que possuía o poder de registro dos acontecimentos das cidades, pretendendo saber como essas estavam se comportando diante dos deuses. Essa era portanto a história oficial. E o pontífice era uma espécie de mestre do tempo. Só que o tempo não mais deveria pertencer à Igreja ou aos deuses. Desde Heródoto, havia-se criado uma história das ações humanas, e portanto os mestres do tempo agora eram os homens. Havia muito mais a ser considerado, pois a vida pública não se resumia somente à batalhas e à religião. A história deveria ter outros horizontes.

Outra característica de sua escrita histórica é importante. A história que Cícero escrevia deveria ser lida por um orador, que era mais que um simples narrador. O orador

⁵⁰ HARTOG, François. A História de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001. p. 180.

tinha como função dar à história um papel maior que uma simples narração. Sua definição de história não nos deixa dúvida sobre seu objetivo. A história deve ser

“testemunha dos séculos, luz da verdade, vida da memória, mestra de vida, mensageira do passado”⁵¹

mas sem alguém que lhe dê voz, ou melhor que lhe empreste a voz, ela não pode ser plena nem duradoura. Contudo, o orador não pode e não deve jamais intervir na escrita, pois ele não é um historiador, ou seja, ele não deve *“ousar dizer nada em falso; não ousar dizer nada que não seja verdadeiro; não ser suspeito de competência ou rancor”*⁵². Essas são as “leis da história” que Cícero determina e para isso o orador deve ser imparcial.

Essas anotações sugerem uma primeira aproximação entre Câmara Cascudo e Cícero. Mesmo sem pensar em um orador, Cascudo acredita que aqueles que irão dar voz aos fatos, no caso os historiadores, não devem julgar, interpretar ou concluir coisa alguma: devem apenas narrar para informar, pois a interpretação leva à confusão entre dados históricos e a opinião pessoal do historiador. No prólogo do seu livro A História do Rio Grande do Norte o autor sublinha esse aspecto de seu trabalho:

“Esta HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE é um trabalho sistemático de informação...”⁵³

Essa é uma característica constante em seus trabalhos sobre história do Brasil ou história regional. A interpretação, para Cascudo, leva ao julgamento do passado, o que é imperdoável. Assume, portanto, nesse aspecto de sua produção historiográfica, uma postura positivista em relação ao papel da história e do historiador, uma vez que pretende chegar à verdade dos fatos e considera essa verdade como um dado, e não como uma construção do historiador.

Assim como para Cícero, só por existirem, os fatos já são verdadeiros. Não necessitam explicação, devem apenas ser contados por alguém qualificado, que no caso de

⁵¹ IDEM, *ibidem*. p. 181

⁵² IDEM, *ibidem*. p. 181.

⁵³ CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1955. p. 4

Cícero é o orador, com base no trabalho do historiador, e no caso de Cascudo o historiador *honesto*, que acumula a função de historiar e contar o que foi historiado. Câmara Cascudo faz uma distinção entre o “historiador de outrora” e o “historiador de hoje”⁵⁴. O primeiro seria aquele que se vê como uma espécie de sacerdote que interpreta e julga o passado e seus personagens. O segundo dedica-se a um trabalho de sistematização e narração de fatos históricos, e tem como objetivo principal, segundo ele, informar o leitor do que realmente aconteceu, para utilizar a célebre fórmula de Leopold Von Ranke, a quem o autor potiguar não parece no entanto ter lido, uma vez que não o cita nem sua obra consta de sua biblioteca. Este historiador está comprometido com uma concepção de verdade positiva, a verdade como dado, o que parece ser indicativo de que a história é concebida por ele, nesse aspecto, como “evocação” do passado:

*“(...) tenta-se evocar como nasce a Capitania do Rio Grande, como viveu a Província que é Estado dos nossos dias.”*⁵⁵

A tentativa de fazer renascer a história do Rio Grande do Norte reitera duas idéias-força já indicadas no primeiro capítulo deste trabalho: por um lado a idéia de uma história capaz de ressuscitar o passado e, por outro, a sugestão de uma história que tem entre seus principais objetivos a busca das origens.

O estilo narrativo a que Cícero se propõe, não parece pretender com a história demonstrar ou provar o que quer que seja, mas sim contar uma história que, no ato mesmo de narrar, se faz preciosa para a memória coletiva.

Câmara Cascudo, ainda que com outros objetivos se mostra extremamente atento para com a relação entre história e memória, e por essa razão preocupa-se com trabalhos de história que, segundo ele, estão mais voltados para a vaidade dos autores do que para o fato em si. E essa preocupação parece apontar para o território sagrado da memória, que não deve ser manchado pela vaidade pessoal do historiador.

Na história escrita por Câmara Cascudo há no entanto um nexos mais profundo em relação à escrita da história tal como proposta por Cícero.

⁵⁴ IDEM, *ibidem*. p. 6

⁵⁵ IDEM, *ibidem*

Para Cícero, a História é, fundamentalmente, *Mestra da Vida (Magistra Vitae)*, e desse fundamento decorrem três importantes considerações que remetem constantes em um certo tipo de historiografia ocidental. A primeira delas seria a vocação pedagógica da história, a capacidade peculiar da narrativa histórica para ensinar às gerações futuras através das ações pretéritas dos homens. A segunda, decorrente e intimamente ligada à primeira, remete a um modelo paradigmático que tem como pressuposto a possibilidade de ensinar através de exemplos (história exemplar). A terceira corresponde a um modelo de história pragmática, que estaria em contraposição à uma história dogmática. Neste caso a história estaria orientada para a ação dos homens na vida prática. Assim como Heródoto, Cícero escreve a partir das experiências dos homens, e não a partir da referência explicativa à vontade dos deuses, pois são os homens que fazem a história. Seu propósito sendo justamente desenvolver uma história que não estivesse necessariamente entrelaçada à esfera do sagrado e de seus agentes, ou ao que as instituições encarregadas de gerir o sagrado consideravam memorável ou não.

Para Câmara Cascudo a história pode ter uma função pedagógica, e é assim que aparece em suas biografias exemplares. As biografias são muito significativas no conjunto da obra de Cascudo, pois revelam quem são os personagens da história que Cascudo deseja imortalizar. Quem são para ele os exemplos a serem seguidos e os que não devem ser repetidos. Cinco de seus livros biográficos, Em Memória de Stradelli⁵⁶, Jerônimo Rosado⁵⁷, Conde D'eu⁵⁸, O Marquês de Olinda e seu tempo⁵⁹ e o Príncipe Maximiliano de Weid-Neuwied⁶⁰ são retratos de homens ligados ou a sua terra, o Rio Grande do Norte, ou personagens que representam suas convicções pessoais. Escrever a história de um

⁵⁶ CÂMARA CASCUDO, Luis da. Em Memória de Stradelli. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1967.

⁵⁷ IDEM. Jerônimo Rosado (1861- 1930) : Uma ação brasileira na província. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

⁵⁸ IDEM. Conde D'Eu. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

⁵⁹ IDEM. O Marquez de Olinda e seu Tempo (1793-1870). Prefácio do Conde Affonso Celso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

⁶⁰ IDEM. Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied.

⁶¹ IDEM. López do Paraguai. Natal: Tipografia d' "A República", 1927.

monarquista, ou de um senador, não se faz apenas por interesse na história dessas pessoas, mas consiste também em expressão de valores e interesses pessoais. Cascudo constrói, com esses e outros escritos biográficos mais breves um grupo seletivo de pessoas que devem ser lembradas por suas ações exemplares. A única exceção é seu livro sobre Solano Lopez, intitulado Lopez do Paraguai⁶¹, que se constitui num exemplo pelo avesso, já que o biografado é demonizado e não canonizado, como nos demais casos, todos os seus biografados-exemplares podem ser, de alguma forma, identificados com os valores professados pelo próprio Cascudo. Este é o caso por exemplo, do “desinteresse” do cientista Stradelli, ou do “amor à ordem” do marques de Olinda, do “espírito aristocrático” do conde d’Eu ou ainda da “devoção ao Rio Grande do Norte” de Jerônimo Rosado.

No entanto, até mesmo Lopez do Paraguai pode ensinar algo, ou seja, as cores absolutamente tenebristas do biografado desenhando um ser abjeto e detestável, cuja história, a todo momento propõe o contra exemplo a ser negado, aquilo que seus leitores não devem ser. Suas biografias exemplares são portanto fortemente moralizantes e, de alguma forma, os homens cujas vidas seleciona para a posteridade e cuja história é objeto de sua escrita são apresentados como uma exemplaridade ética a ser seguida (ou todo seu contrário, no caso de Solano Lopez) que, na contra-luz da escrita, deixam perceber algo da auto-imagem do autor.

As raízes desse tipo de escrita biográfica podem ser encontradas em Cícero, já que em sua obra Vidas Paralelas dos Homens Ilustres, na qual conta a vida e os feitos de Plutarco, Cícero faz da biografia um exercício de escrita perfeitamente coerente com sua concepção de história como *Magistra Vitae*. A história pretende, neste caso, que não se apague da memória o que são os grandes homens, ou seja, seus “*belos exemplos de excelência política e militar*.”⁶². Mais uma vez é Hartog quem sintetiza o sentido do trabalho do biógrafo em Cícero:

“O biógrafo volta-se para os grandes homens do passado grego e romano, propondo que sejam imitados por seus contemporâneos. Ele

⁶² HARTOG, François. A História de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001. p. 180

não se preocupa mais com as virtudes que com a glória, com o presente mais que com a posteridade.”⁶³.

No que diz respeito ao universo dos escritos biográficos, é importante apontar que Câmara Cascudo também faz questão de perenizar a memória da vida de homens e mulheres simples, pessoas que pertencem ao povo, aspecto que não seria pertinente buscar nos trabalhos historiográficos de Cícero. Uma delas foi sua querida ama e contadora de histórias da sua infância Luiza Freire, a Bibi. Também nos apresenta as histórias do cangaceiro Jesuíno Brilhante, que segundo Cascudo era defensor dos pobres, de cantadores, jangadeiros, rezadeiras.

A principal diferença entre o trabalho histórico e biográfico de Câmara Cascudo em relação à história tal como proposta por Cícero seria a forma como Cascudo transforma seus biografados em quase-santos (ou quase-demônio, no caso de Solano Lopez) e homens impecáveis. Já Cícero parece mais preocupado em exaltar os feitos exemplares, mas sabe e deixa transparecer os erros, dúvidas, impasses daqueles que biografava, pois somente assim os homens poderiam aprender com os exemplos propostos. Sua maior preocupação é a glória dos feitos, mas sabe que sem os erros não se atinge os acertos. Não escreve, portanto histórias de santos, mas sim de homens, exemplares mas simplesmente homens:

“1. Escrevendo neste livro a vida do rei Alexandre e a de César (...) não diremos nada como preâmbulo, apenas suplicando ao leitor que não nos denigra por não relatarmos tudo que foi celebrado. (...) É que não escrevemos histórias, mas vidas – e não é nas ações mais célebres, em absoluto, que está a demonstração da virtude ou do vício, mas, muitas vezes, um breve feito, uma palavra, uma brincadeira dão ênfase ao caráter mais que os combates mortais, as melhores batalhas e os assédios de cidades.”⁶⁴

Cascudo idealiza os homens que retrata como símbolos de virtude e da boa moral. Em “Jerônimo Rosado” as qualidades do personagem, e somente as qualidades, são exaltadas, e o biografado aparece como o pai de família exemplar, o trabalhador incansável, equilibrado, prudente, líder, caridoso e generoso. Sua narrativa adquire portanto um cunho quase hagiográfico, aproximando-se do antigo modelo cristão de contar a vida exemplar

⁶³ IDEM, *Ibidem*. p. 180.

⁶⁴ IDEM, *ibidem*. p. 175.

dos santos, no século XX substituídos por outros heróis, os da política, da literatura, ou seja, heróis da civilização. Michel De Certeau afirma que “*a hagiografia é, a rigor, um discurso de virtudes.*”⁶⁵. É possível identificar uma linha hagiográfica que permeia todos os personagens que Cascudo biografava. Não importa se um é um importante monarquista, ou se outro é um herói nacional, ou ainda um pai de família e industrial potiguar. Não há variação no caráter desses homens, que permanecem iguais sempre, uma vez que, segundo De Certeau

*“o santo é aquele que não perde nada do que recebeu. Suas propriedades apresentam um solo, uma base a partir da qual serão incorporados novos elementos”*⁶⁶

Um outro aspecto parece aproximar a história escrita por Câmara Cascudo do modelo Ciceroniano. A história para Cícero é como um **tesouro** que serve para ensinar a experiência dos homens às gerações vindouras, para que os acertos sejam repetidos e os fracassos evitados. Na concepção de história deste autor, os acontecimentos se repetem e, por isso, os atos devem ser registrados para que os homens do futuro possam olhar para seus antepassados e com eles aprenderem. A história, para Cícero, é um tesouro pois ensina como deve-se agir, como comportar-se e também o contrário, ou seja, como não se deve agir. A importância da história está também em ser um instrumento para a vida ativa, para auxiliar os homens na vida pública e na vida militar. No caso de Cícero a história parece ser mais que um estudo de casos, pois é apresentada como uma forma de conduzir a vida dos homens e produzir um legado para a humanidade que seria, justamente, o seu **tesouro**.

Talvez o **tesouro** para Cascudo não seja propriamente a história mas sim o que ela vai gerar, ou seja, a tradição. Com a história antiga, desenvolvida tanto por Cícero como por Heródoto, a escrita da história assume uma função para vida pública, para a política e a diplomacia. Cascudo, leitor dos clássicos mas homem do século XX, desenvolve a história de muitas formas, inclusive aquilo que chama de micro história, para ele a história da vida cotidiana dos grandes homens, muito mais do que parece querer utilizá-la para fins ordenados à esfera pública. Entretanto o resultado que ele busca pode ser bem próximo ao que buscava Cícero com uma *História Exemplar*. A noção de um tempo que se repete e que

⁶⁵ CERTEAU, Michel De. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 2000. p. 273.

⁶⁶ IDEM, *ibidem*. p. 272.

justamente por isso permite que possamos nos mirar em nossos antepassados, não parece estar muito distante da idéia que Câmara Cascudo sublinha em seus escritos de um passado congelado, imobilizado, adormecido, esperando que alguém (na certa um historiador honesto como o próprio Cascudo) o desencante e revele suas riquezas e verdades para outras gerações. Não é a toa que sua busca das origens, assim como sua constante preocupação com pessoas que ele considera ilustres e que permanecem esquecidas, são aspectos ponderáveis em sua produção intelectual. Cascudo insiste em demonstrar um certo temor em relação ao esquecimento de homens e mulheres, que são para ele exemplos de vida. Mais que isso: são pessoas que devem ser sempre lembradas, pois irão construir a nossa história, ou seja, pertencem à nossa tradição. Em um de seus livros, Prelúdio e Fuga do Real, Cascudo começa o texto sintetizando essa preocupação de modo exemplar:

“A morte existe. Os mortos não”.⁶⁷

É justamente por isso que o esquecimento é para Cascudo algo extremamente perigoso, do qual é preciso lutar constantemente. Talvez sua árdua tentativa de fazer permanecer tantos nomes para a posteridade resulte de seu próprio medo de ser esquecido, e é impressionante seu esforço de auto-monumentalização em vida. Num dos volumes do Livro da Velhas Figuras, uma publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, reunindo diversas crônicas da série *Acta Diurna*, que por cinquenta anos Câmara Cascudo publicou na imprensa potiguar, é possível constatar o esforço e o desespero de Cascudo ao imaginar que aquelas pessoas que considera memoráveis, ilustres, heróicas, possam ficar esquecidas no passado. Caso alguém – o historiador – as faça permanecer vivas pela rememoração, será possível afirmar, como o faz Câmara Cascudo que *“a morte existe, os mortos não”*.

Numa crônica sobre Auta de Souza, poeta de Natal, Cascudo escreve:

“Os mortos estão realmente vivos porque para eles não existe o tempo. Nós somos contingentes e efêmeras referências, sinais de passagem que uma breve aragem apaga. Quanto mais o homem atira para o alto, mais a sua vida é breve, fugitiva e rápida. Auta de Souza pode esperar que o

⁶⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. Prelúdio e Fuga do Real. Natal, Fundação José Augusto, 1974. p. 14.

Brasil faça justiça a uma de suas mais soberbas, originais e poderosas vitalidades poéticas."⁶⁸.

Sua crônica é portanto o registro da lembrança de Auta de Souza e de tantos outros, fazendo assim que seus nomes não se apaguem do livro dos vivos, o que assume particular importância uma vez que a história e os historiadores não fizeram, a seu juízo, justiça a esses homens e mulheres, por deles não se ocuparem em seus escritos e feitos.

A história é portanto, para o escritor natalense, um instrumento para que seja conservada a memória de fatos e de pessoas que o próprio Cascudo selecionará para o panteão da posteridade, ou seja, será o trabalho de historiadores que partilhem de sua concepção de história que definirá quem deve ser lembrado e ficar na lembrança das gerações futuras. Mais uma vez é a citação do texto "*A Função dos Arquivos*" que melhor resume essa convicção:

*"História é o registro cronológico dos fatos memoráveis... Dos fatos memoráveis apenas. Um fato memorável como pode ser fixado? Naturalmente pelo consenso dos homens que o motivaram. Mesmo negando a imortalidade divina amaríamos emprestar os halos da perpetuidade aos nossos atos. Decretamos a vitaliciedade da admiração futura aos mesmos assuntos que admiramos agora. Escolhemos um homem, uma doutrina, um livro, um poema, uma estátua, um vício, uma idiossincrasia e declaramos sua inarredável eternidade no tempo. Falemos como outrora nas páginas da História..."*⁶⁹.

A memória, construída pela História, irá fazer a tradição permanecer intacta para outras gerações, pois

"História é memória no Tempo. Estabelece a continuidade do esforço humano, articulando-nos aos trabalhos que justificam nossa presença. Sem ela, seríamos uma horda bravia. Ai de nós! Nenhuma horda, por menor e mais bárbara que seja, ontem, hoje e amanhã, deixou e deixa de possuir sua História, a sua recordação, o seu orgulho,. Na solidão do deserto (...) estão

⁶⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *O Livro das Velhas Figuras*. vol 03, Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2001.

⁶⁹ IDEM, *ibidem*. p. 431.

esses homens, ouvindo a voz de um velho, de um poeta, a se projetar-se, existir, além da Morte.”⁷⁰

Sua preocupação com o esquecimento era muito evidente. Num dos Livros das Velhas Figuras, está reproduzida uma de suas crônicas em que, escrevendo sobre “João Barafunda”, um médico de Natal, Cascudo aponta:

“Lembro-o hoje. O tempestuoso João Barafunda não se diluiu no esquecimento. Cada lembrança é uma ressurreição.”⁷¹

Vencer o esquecimento, e, assim, ressuscitar o passado, era um cuidado que ele teve durante toda sua trajetória intelectual. Talvez preocupado também com o esquecimento de si próprio, ele mesmo resolve escrever suas memórias e deixá-las para a posteridade. Seus cinco livros memorialísticos situam o leitor diante de um outro Cascudo, o professor de gerações de jovens, o marido exemplar, o amigo sempre divertido e solidário e o provinciano simples, imagem que ele fez questão de construir para si próprio. A memória individual constrói, assim, para a história o que deve ser preservado de sua própria imagem para a história.

Já a História encontrará nos arquivos aquilo que a memória dos tempos preservou. Esta é a essência da tese que defende em “*A Função dos Arquivos*”, um artigo revelador e curiosamente repleto de definições. Nele, Cascudo nos apresenta sua percepção sobre os arquivos históricos e sobre o papel dos documentos neles contidos, documentos esses que servem de base para estudos futuros. O destino dos arquivos é guardar os elementos para a posteridade com o intuito de construir a memória dos acontecimentos. É nos arquivos que o historiador encontrará o que precisa para – na sua perspectiva – resgatar o passado construindo o futuro. Por isso é nos arquivos que reside a História:

“Aqui é realmente a casa da História, Solar do seu nascimento, nascente de suas águas que vamos encontrar lá fora, diversas e coloridas, na química das convenções e das simpatias. Aqui, nas cabeceiras, são elas

⁷⁰ FERNANDES, Luiz. A Imprensa Periódica do Rio Grande do Norte de 1832 a 1908. Natal, Fundação José Augusto, Sebo Vermelho, 2a edição, 1998 Pp. 156 e 157.

⁷¹ CASCUDO, Luis da Câmara. O Livros das Velhas Figuras. Natal, IHGB, vol. 03, 1977. p.54.

silenciosas em força serena, manando dos atos formadores dos primeiros fios convergentes, explicação da futura torrente...⁷².

Nesse artigo Cascudo se apresenta como um velho freqüentador de arquivos, o que o qualificaria do ponto de vista metodológico como um historiador profissional. Seu discurso se transforma em um lento passeio pelo que ele considera ser a "*casa da história*", uma conversa em "*tom claro e baixo*", sobre o "*conceito de História e a função do documento para evocá-la, determiná-la ou transformá-la*".

O arquivo, convém repetir, é para Cascudo *a casa* da história, e a repetição sublinha o caráter privado do espaço que serve de metáfora para a função do lugar que o autor considera *a nascente* da História, o que parece sugerir um contraste com a arena pública a que Cícero destina a função da História. E é ainda a virtude pessoal do historiador que garantirá a limpidez das águas da torrente da História, uma vez que a *ressurreição do passado* não é tarefa para qualquer historiador, pois o autor afirma que este tem que ser um intérprete *honesto* dos "*segredos do arquivo*". E essa *honestidade*, para ele, consiste na decisão inabalável de não interpretar os fatos, pois toda interpretação modificaria o que um dia sucedeu. Nos arquivos estão as informações que Cascudo considera como o elo que permite a relação adequada entre o passado e o futuro, e cabe àquele que escreve a história ter o compromisso com a honestidade – entendida como neutralidade – para que a posteridade possa ter mais proveito das informações exatas e mais certeza das conclusões que delas derivem. O passado para Cascudo é o lugar simbólico onde pode ser descoberta a identidade de um povo, de uma nação, de uma região ou de uma cidade, servindo como suporte para o encontro com as origens e com a tradição. O futuro, nessa perspectiva, é fruto do passado pela ação daqueles que o ressuscitam, os historiadores.

Nisso reside uma diferença expressiva entre Cícero e Luís da Câmara Cascudo. Enquanto o primeiro tem como tesouro a história, Câmara Cascudo tem como o tesouro da história a tradição.

⁷² CASCUDO, Luis da Câmara. "A *Função dos Arquivos*". Separata da Revista do Arquivo Público, ano 7a10, n 9-12. Recife, Arquivo Público, 1952-1956. p. 431

Capítulo III

Historiador-coleccionador

Para fundamentar a hipótese da existência de um viés clássico no conjunto das obras históricas de Luis da Câmara Cascudo, além da aproximação a Heródoto e Cícero, é importante pensar o historiador como colecionador, tal como se apresentou historicamente e procurar uma outra aproximação, aquela entre Câmara Cascudo e o historiador-antiquário. Este é o primeiro objetivo deste capítulo. O segundo, é buscar na relação entre antigos e modernos tal como proposta na Europa Moderna, uma inspiração que permita entender como o estudo e ofício da história para Câmara Cascudo, tão profundamente marcados por um viés tradicional e conservador, são compatíveis com sua identidade de escritor moderno, uma vez que não convém esquecer que Cascudo é um expoente do modernismo nordestino, e essa é a marca de identidade de sua escrita literária.

Luis da Câmara Cascudo estreou sua produção intelectual quando ainda era bem jovem, como jornalista e escritor. Uma primeira fase de sua trajetória literária situa-se nos anos vinte e trinta do século passado, período em que inicia seus escritos sobre os mais diversificados assuntos. Nessa época, Câmara Cascudo dá início não somente à produção de suas obras, mas também começa a desenvolver um processo de construção de uma vasta rede de relações nacionais e internacionais. Sua marcante presença como estudioso do folclore e da cultura popular, marca o início de sua importância como um intelectual nordestino.

Poeta bissexto que incorpora a forma revolucionária dos versos livres, escritor que publica regularmente em revistas modernistas do sudeste tais como *Terra roxa e outras terras*, divulgador no nordeste dos ideais estéticos modernistas, - correspondente e colaborador intelectual de Mario de Andrade - é possível inserir Câmara Cascudo no movimento modernista, não só porque faz parte desta geração, mas porque é com ela que em muitos momentos se identifica. A busca por uma identidade nacional, e principalmente pela construção de um “*Brasil novo*”, que buscava a modernidade conservando suas características nacionais, estavam nos planos de um importante grupo de intelectuais brasileiros, e Cascudo começa a fazer parte deste seleto conjunto. É neste momento que sua forte e importante relação com Mário de Andrade tem início, o que vai marcar sua vida e a sua obra.

Se, por um lado podemos identificar Câmara Cascudo enquanto um intelectual moderno, é certo que muitas vezes mais por suas relações pessoais, mas também por suas obras, por outro lado é preciso atenção aos matizes e possibilidades do conceito. No que se refere à história, afirmar que Cascudo é um intelectual e, portanto, um historiador “moderno” pode ser um grande equívoco.

A relação entre antigo e moderno é um tema já trabalhado por diversos historiadores. Segundo Berenice Cavalcante

“reconhecer as formas, específicas de constituição entre o par antigo-moderno é, assim, um procedimento privilegiado para recuperar os caminhos pelos quais se formou a consciência histórica no mundo ocidental.”⁷³.

Neste contexto podemos entender a oposição entre o moderno ao antigo de duas formas. A primeira consiste na idéia de ruptura, ou seja, a negação do passado como algo que não mais pode representar ou contribuir para a composição do presente. A segunda estaria relacionada com uma dimensão de superação do passado sem deixar de fazer uma apropriação deste. Para aprofundar nesta segunda interpretação é fundamental lembrar a metáfora proposta por Bernard de Chartres que condensou a imagem do seu tempo (século XII) como a de “anões sentados nos ombros de gigantes”⁷⁴. Os anões, homens do século XII, não estavam de costas para o gigante, o tempo passado, mas sim sobre ele, podendo, sustentados em seus ombros, aproveitar de sua experiência histórica e ainda enxergar mais longe. A imagem utilizada por Bernard de Chartres não transmite o sentimento de recusa e de ruptura com o passado, mas sim um paradigmatismo em relação a este tempo pretérito, pois a imagem nos revela *“respeito e admiração pelos autores do passado através da valorização da cultura greco-romana (...) e pressupunha a possibilidade de aprimoramento do conhecimento, num processo de revelação progressiva da verdade.”⁷⁵.*

⁷³ CAVALCANTE, Berenice. “Antigos e Modernos: histórias de uma tradição” IN Modernas Tradições. Percursos da cultura ocidental séculos XV-XVII. Rio de Janeiro, Access, 2002. p. 3

⁷⁴ IDEM, ibidem. p. 4

⁷⁵ IDEM, ibidem. p. 5

Com relação ao trabalho do historiador essas abordagens não se fazem menos importantes. Jose Maravall⁷⁶ mostra que a diferenciação entre um fazer moderno da história a um considerado ultrapassado e antiquado, está muito relacionada ao desenvolvimento das Ciências Sociais enquanto um grupo de estudos que se propunha a desenvolver uma aproximação interdisciplinar dos campos da política, da economia e da sociedade⁷⁷. É justamente a preocupação da história como uma ciência que marca o início de uma nova concepção deste estudo. Maravall ainda chama a atenção para a íntima relação que a inserção da História enquanto uma ciência tem com a idéia de progresso, e o desenvolvimento dessa perspectiva na visão da história vivida e na escrita da história. A idéia de progresso sofre mutações desde o Renascimento, passando por uma intensa modificação no Iluminismo, chegando à época contemporânea com uma relação fortemente estabelecida principalmente com o estudo da economia e da filosofia. É justamente através desta última relação que o estudo da história se modifica, dando espaço para novos horizontes de pesquisas.

A diferenciação de uma história entendida enquanto ciência moderna e uma história entendida enquanto gênero literário é talvez a mais significativa distinção que encontramos entre o historiador antigo e o moderno. É a partir deste marco diferencial que podemos entender e considerar a história enquanto ciência.

Nas suas obras eminentemente históricas Câmara Cascudo estaria muito mais próximo a um historiador antigo do que um historiador moderno. Isto porque para Cascudo a história é considerada em grande parte de seus trabalhos como um gênero literário, uma vez que sua função é contar os acontecimentos, negando, por princípio e como ficou visto no capítulo anterior a operação interpretativa própria do historiador. Sua concepção de história parece estar sempre olhando para trás, na busca de origens e tradições que estabelecessem os nexos entre tempos diferenciados – sempre vistos na chave da continuidade – e espaços distintos – compreendidos como variantes de valores e constantes universais, tal como foi estabelecido nos capítulos anteriores, ao invés de voltar-se para frente, como um historiador moderno se propõe. A história não representa para Cascudo

⁷⁶ MARAVALL, Jose Antonio. Antiguos y Modernos. La idea de progreso en el desarrollo inicial de una sociedad. Madrid, Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1966.

⁷⁷ IDEM, *ibidem*.

uma ciência, mas uma arte eminentemente literária e um campo privilegiado da moral social. E serve como uma ferramenta de trabalho quando o autor deseja construir memória, desenhar identidades e esboçar seu próprio perfil de erudito. O folclore sim é a sua ciência, pois é através deste que Cascudo consegue unir a história, a etnografia, a antropologia e outras tantas áreas de estudo em torno de seu objeto de trabalho que é a cultura popular:

“Nenhuma ciência como folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heróico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo.”⁷⁸

O folclore pode ser entendido como um estudo científico, mas, no caso brasileiro, foi recorrentemente alijado dos meios acadêmicos, conforme demonstrou Luis Rodolfo Vilhena⁷⁹. Câmara Cascudo sabia disto e era como professor da cadeira de Direito Internacional que lecionava folclore na universidade Federal do Rio Grande do Norte, e mais de uma vez registra em seus livros de memórias o caráter heterodoxo de suas lições e o escândalo que estas produziam entre certos professores. O folclore, considerado uma *ciência menor* nunca teve o reconhecimento acadêmico como um curso universitário tal como a medicina, a engenharia, e até mesmo a história. Talvez seja essa a razão do esforço de Câmara Cascudo ao dizer e repetir que o folclore é uma ciência e que ele é acima de tudo um folclorista.

Contudo, para entender as raízes clássicas nas obras históricas de Câmara Cascudo e seu viés de historiador tradicional é igualmente importante trabalhar com o seu traço de colecionador e antiquário. Esta sua marca esta necessariamente associada à sua presença como um intelectual que visitou os mais variados campos de estudo.

⁷⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. Tradição, ciência do povo: Pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1971.

⁷⁹ VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e Missão. O movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro, FUNARTE/FGV, 1997.

No capítulo anterior foi sublinhado um aspecto ciceroniano dos textos históricos de Câmara Cascudo, a partir da relação entre os trabalhos da história e o tesouro de uma cultura ou sociedade. Ainda pondo em evidência a noção de tesouro a ser transmitido às gerações vindouras, ainda é possível estabelecer uma outra relação, desta feita pondo em evidência o tema da coleção e o tesouro que esta guarda, o que terá um desdobramento necessário referido ao papel do colecionador como guardião deste tesouro.

No texto intitulado “Colecção”⁸⁰, Krzysztof Pomian faz uma expressiva análise das diferentes abordagens de coleções e de como elas foram apropriadas ao longo do estudo da história. Ao destacar a importância dos museus, Pomian apresenta o significado destes enquanto receptáculos de tesouros da humanidade. Os museus seriam portanto um lugar de memória viva, pois os objetos neles guardados são re-significados, ao deixarem de ter uma utilidade cotidiana, e ganharem uma aura icônica, podendo ser apropriados por diferentes civilizações de formas variadas. Sendo assim os “coleccionadores e os conservadores dos museus comportam-se como guardas dos tesouros.”⁸¹.

As relíquias e objetos valiosos que os museus e as coleções possuem parecem ser, para este autor, passíveis de comparação com documentos escritos, que, mesmo quando já se encontram ultrapassados e antigos servem para o estudo e a compreensão de sociedades pretéritas, e, por isso devem ser conservados em arquivos. Os arquivos seriam os museus dos documentos pois se constituem enquanto uma “instituição destinada a por em segurança, recolher, classificar, conservar, guardar e tornar acessíveis os documentos que, *tendo perdido a sua antiga utilidade quotidiana e considerados por isso supérfluos nas repartições e nos depósitos*, merecem todavia ser preservados.”⁸². Câmara Cascudo reconhece a importância dos arquivos classificando-os como a “casa da história”.⁸³. Entretanto essa casa é sempre silenciosa, esperando que o historiador *honesto* faça uso dela de uma forma muito específica, ou seja, utilizando-a somente para a informação, complementação e esclarecimento de dados. Considerando a definição de Pomian

⁸⁰ POMIAN, Krzysztof. “Colecção” IN Enciclopédia Einaudi vol 1. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984.

⁸¹ IDEM, *ibidem*. p. 52.

⁸² IDEM, *ibidem*. p. 53.

⁸³ CASCUDO, Luis da Câmara. "A Função dos Arquivos". OP. Cit. p. 431.

poderíamos encontrar uma similitude na concepção que Cascudo tem dos arquivos, que com certeza pode ser aproximada àquela de uma arca de tesouros. Mas só o são assim porque guardam o caminho que nos leva à origem, que por fim nos remete ao encontro entre o particular com o Universal, podendo assim estabelecer e concretizar o estudo das tradições. Segundo Cascudo:

*“O destino do Arquivo é preparar os elementos da Posteridade”*⁸⁴

Os arquivos remetem à compreensão da função da história para Cascudo, e, a partir dela, é possível afirmar que ele está próximo a uma concepção de história antiga em oposição a uma moderna. A história para este autor natalense está sempre preocupada com a preservação do passado, que pode também nos conduzir a abordar seu papel como um colecionador de elementos de um tempo pretérito, uma vez que estes fragmentos do passado, colecionados, classificados e expostos, revelariam o segredo do tempo pretérito.

É importante considerar a relação entre o antiquário e o colecionador para melhor entender o sentido da história para Cascudo e seu lugar (ou seu não lugar) na historiografia brasileira. O antiquário surge como um novo tipo de intelectual, no início do século XVIII, principalmente na França, Inglaterra e no mundo germânico. Alguns entre estes novos intelectuais se propunham a estudar principalmente a cultura popular, uma vez que nela sobreviveriam resquícios do passado. O que começou como um estudo solitário, individual, foi sendo incorporado por vários outros estudiosos que tinham a mesma proposta e o mesmo objetivo. Constituem-se então grupos, em forma de sociedades, que reuniam-se recolhendo e trocando informações sobre a cultura popular. Foi a partir desses grupos que no século XIX William John Thoms usou pela primeira vez a palavra “folclore”. Thoms pertencia à “Sociedade dos Antiquários” e com ela conseguiu reunir estudos para publicar na revista “Athenaeum” uma sessão dedicada à cultura popular.⁸⁵ A primeira fase deste projeto tinha como objetivo uma colheita e ordenação de material, assim como era também necessário despertar o interesse da população para o tema bem como recuperar o que estava

⁸⁴ IDEM, *Ibidem*. p. 438.

⁸⁵ VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão. O movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro, FUNARTE/FGV, 1997.

sendo perdido pelo tempo. A idéia de preservação estava desde o início ligada ao estudo do folclore.

Segundo Renato Ortiz existem dois traços fundantes da perspectiva do antiquário. O primeiro é seu afã colecionador⁸⁶. O antiquário estuda a cultura popular colecionando tudo aquilo que possa ter relação com o passado. Ele é antes de tudo um curioso e está sempre extremamente preocupado com a depreciação dos ritos, práticas e tradições pela ação do tempo. Câmara Cascudo não está distante deste modelo de intelectual, uma vez que sua constante preocupação como historiador, e como folclorista, é registrar os fatos para que eles não se apaguem na memória e sejam preservados da ação corrosiva do tempo. Tanto a história como o folclore têm para Cascudo a função de preservar e resgatar as tradições. Na sua concepção de história, Câmara Cascudo privilegia a função que este estudo tem de ressuscitar o passado, que permanece encantado, adormecido, esperando que alguém, como um príncipe dos contos de encantamento o desperte e faça reviver⁸⁷, e, no caso, convém não esquecer que entre a boêmia de Natal Cascudo era conhecido como “o príncipe do Tirol”, uma alusão à sua situação de privilegiado herdeiro da rica chácara paterna, situada no bairro do Tirol.

Para Câmara Cascudo os homens e mulheres do povo, os humildes, são sábios e guardiões de uma sabedoria, mas essa não se revela por completo sem a mediação daquele que identifica essa sabedoria, ou seja, sem a sua intervenção o aquela dos que, como ele, sabem o que o povo sabe. “É ele, o mestre Cascudo, que pela dupla via da erudição aurida nas longas horas de **pesquisa erudita** no silêncio das bibliotecas e **convivência** assídua com os jangadeiros, feirantes, catimbozeiros e rezadeiras, quem pode apresentar-se como fiel intérprete do que o povo sabe, mas não conhece.”⁸⁸

“O segundo ponto, diz respeito à atitude em relação às práticas populares.”⁸⁹, propõe Renato Ortiz para definir a perspectiva do antiquário. O estudo da cultura popular,

⁸⁶ ORTIZ, Renato. Românticos e Folcloristas. Rio de Janeiro, Olho d'água, 1992. p. 14.

⁸⁷ NEVES, Margarida de Souza. “O Sertão (en) cantado: cores e sonoridades” IN STARLING, Heloisa et al (orgs) Decantando a República.

⁸⁸ IDEM. "Artes e Ofícios de um 'Provinciano Incurável' ." IN: Projeto História. Nº 24 “Artes da História e outras linguagens. São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós Graduação em História. 2002. pp. 65 a 86.

⁸⁹ ORTIZ, Renato. Românticos e Folcloristas. Op. Cit. p. 14.

tal como se apresentou em seu momento inicial, cria uma espécie de segregação nas sociedades que se propõem a dar início a essa prática de forma mais sistemática:

“Pode-se dizer que antes cultura de elite e cultura popular se misturavam, suas fronteiras culturais não eram tão nítidas, pois os nobres participavam das crenças religiosas, das superstições e dos jogos; as autoridades possuíam ainda uma certa tolerância para com as práticas populares.”⁹⁰.

A partir do momento em que o povo começa a ser objeto de estudo de uma elite intelectual, instauram-se duas esferas claramente divididas na sociedade, pelo menos no que se refere à cultura, pois nas esferas políticas e econômicas essa divisão já se fazia presente há muito tempo. A elite intelectual poderia participar das práticas culturais do povo e inclusive compreendê-las e interpretá-las, mas não aconteceria o contrário.

Este tipo de intelectual e especialista é o que representa Câmara Cascudo na sua cidade e no seu estado, o Rio Grande do Norte. Cascudo seria o que Renato Ortiz chama de “anfíbio”, homens cultos que conseguiam transitar entre a cidade letrada e a não letrada. Falava o dialeto das duas, o que lhe possibilitava ser um tradutor da cultura popular para os códigos letrados. Seu papel na sociedade era representado pelo lugar físico que sua casa ocupava na cidade de Natal, já que esta se encontra no meio da subida que leva do bairro popular da Ribeira para a praça principal da cidade, sendo possível afirmar que Cascudo pretendia estar no “meio da ladeira” entre a cultura popular dos pescadores da Ribeira e a cultura erudita dos frequentadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte⁹¹. “Ele é o *pontifex*, o exegeta capaz de revelar os segredos ocultos numa sabedoria ancestral que o povo conserva e transmite, de geração à geração, porque convém não esquecer, para ele a *tradição é ciência do povo*.”⁹²

⁹⁰ IDEM, *ibidem*. p. 15.

⁹¹ MELLO, Luiza Laranjeira da Silva. O Gorila, o Homem e o Robo. A tensão entre tradição e progresso na obra de Luis da Câmara Cascudo (monografia de bacharelado e licenciatura em História). Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2000.

⁹² NEVES, Margarida de Souza. "Artes e Ofícios de um 'Provinciano Incurável' ." IN: Projeto História. Nº 24 "Artes da História e outras linguagens. São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós Graduação em História. 2002. pp. 65 a 86. Se já foi usado, ponha Op. Cit. E a página: verifique isso nas demais notas.

O perfil de Câmara Cascudo enquanto um colecionador está presente em toda sua bibliografia assim como em sua trajetória de vida. No seu trabalho como historiador, seu traço de antiquário se faz perceptível de maneira muito singular, uma vez que Cascudo parece estar, sempre, empenhado na busca e na preservação de dados que remetam a tempos passados para que ele possa escrever para o futuro. Sem dúvida é um curioso e o conhecimento para ele não tem limites:

*“Queria saber a história de todas as coisas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar e das estrelas, dos morros silencioso. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei os caminhos que levam ao encantamento do passado.”*⁹³

O desejo de conhecer todas as coisas, vale dizer, a miragem de uma erudição capaz de colecionar todo o conhecimento possível, pode ser percebido em muitos de seus livros, mas seu entendimento do que possa ser o conhecimento deve ser observado de maneira cuidadosa. Para Cascudo é necessário ter visto para conhecer, é preciso ouvir para saber, sendo supérflua qualquer tipo de comprovação científica. O folclore não é uma ciência acadêmica, assim como a história, em sua percepção, não necessita sê-lo. Não é difícil encontrar textos em que deixa transparecer um certo ressentimento em relação a intelectuais universitários, que se limitam a ser “intelectuais de gabinete”. Esses homens não saem às ruas, não conhecem o povo, não conversam com os humildes como ele faz:

“Creio também que cada geração deva proceder uma revisão meticulosa do seu patrimônio cultural. Ninguém deveria receber a obrigatoriedade da admiração incluída na herança paterna. Nem aceitar uma aclamação coletiva como dispensa e renúncia da eleição pessoal (...) O vício da literatura greco-latina vacinou-me contra as ditaduras mentais

⁹³ CASCUDO, Luis da Câmara. “Um Provinciano Incurável” IN Revista *Província* n. 2. Natal, UFRN/IHGRN, 1998 (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969) p. 5. Essa citação serve de epígrafe e, parcialmente, de título para o Projeto Integrado de pesquisa do qual essa monografia é fruto.

contemporâneas. Creio no Espírito Santo e não no espírito de alguns 'santos' universitários. Amém."⁹⁴

É quase impossível identificar algo próximo a um método científico em seus trabalhos, uma vez que ele mesmo não está preocupado em estabelecer nenhum padrão de pesquisa histórica e afirma desprezar olímpicamente qualquer perspectiva teórica:

“O convívio de meio século com o Povo e o contacto diário com sucessivas gerações de estudantes autenticavam a presença funcional dessas palavras caseyras com que nos creamos , na confiança de D. Francisco Manuel de Melo, na Visita das Fontes, na Lisboa de 1657.

Passei parte da adolescência no sertão oeste do Rio Grande do Norte, pela região do Seridó e nas ribeiras paraibanas do Rio o Peixe e Piancó, antes das rodovias e da luz elétrica. (...) Era ainda e normalmente o séc. XVIII, entre D. João V e D. José I, o sertão em que vivi."⁹⁵

A convivência era seu método, e era essa convivência que legitimava sua autoridade etnográfica e conferia lastro a seu trabalho histórico. E por ser uma autoridade intelectual reconhecida em sua cidade, no país e mesmo no exterior, não necessitava justificar com notas que identificassem os documentos utilizados ou citar fontes de consulta para legitimar sua pesquisa: sua autoridade pessoal era suficiente. Era, portanto, através da convivência que ele colecionava dados, histórias, informações e conhecimento.

Historiador de muitas publicações, estava longe de uma historiografia científica que já se fazia presente no cenário intelectual brasileiro, a partir dos trabalhos inovadores de outro nordestino, o cearense Capistrano de Abreu⁹⁶. Como historiador, Cascudo, por outro lado um poeta e literato modernista, era, sobretudo, um erudito de corte antigo, mais próximo do ideal dos colecionadores e antiquários do que de uma historiografia brasileira, que, na década de 30, encontrará os caminhos de sua versão moderna com os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Gilberto Freyre – todos eles aliás presentes em sua biblioteca, com dedicatórias de cada um dos autores, mas ausentes da história que

⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Dois Ensaios de História. Natal, Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, 1965.

⁹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Locuções Tradicionais no Brasil -3ª edição. Rio de Janeiro, Funarte, 1997.

⁹⁶ PEREIRA, Daniel Mesquita. Descobrimientos de Capistrano. A História do Brasil “a grandes traços e largas malhas”. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2002.

produz. Cascudo não era apenas um folclorista e etnógrafo em busca da tradição: era também um historiador tradicional, e a história por ele escrita é um dos elementos que revelam seu perfil conservador.

Conclusão

Pensar as raízes clássicas da produção histórica de Luis da Câmara Cascudo não foi uma tarefa fácil. Isto porque é quase absurda, por ser historicamente improcedente, e portanto muito perigosa, a hipótese de que um homem que viveu no século XX, no sertão e na cidade do nordeste brasileiro, possa ter algo que o aproxime dos historiadores clássicos. Não podemos ignorar o fato de que Câmara Cascudo tinha uma forte intimidade com esses autores clássicos, sendo possível confirmar essa afirmação durante inúmeras visitas feitas pela equipe de pesquisa no Memorial Câmara Cascudo em Natal.

Contudo a análise da obra histórica e etnográfica de Câmara Cascudo tendo como referência a busca dos traços nela deixados pelas leituras feitas, desde sua primeira juventude, das obras clássicas e, em particular, de Heródoto e de Cícero e sua faceta de colecionador e de antiquário, permite chegar ao fim deste trabalho pisando em território mais firme, ou menos pantanoso, sendo possível chegar a algumas conclusões sobre este homem que possuía “uma extraordinária capacidade de interlocução intelectual, uma desconcertante habilidade para combinar em si facetas aparentemente antagônicas.”⁹⁷. Sendo assim, caberia afirmar que seu caráter plural e sua identidade intelectual de polígrafo comportaria, também, um viés clássico em sua escrita histórica?

Esse traço clássico, revela e está muito presente, como este trabalho pretende ter apresentado, no perfil conservador e tradicional das obras e da trajetória de vida de Câmara Cascudo. Seu âmbito de relações pessoais, suas amizades intelectuais, sua marca na cidade onde morou toda sua vida podem ser sentidas até os dias de hoje e não deixam de revelar sua identidade e seu projeto conservador.

Os trabalhos de Câmara Cascudo põem de manifesto alguns vetores principais de seu pensamento: as relações entre cultura e civilização, entre progresso e tradição e entre universal e o particular são alguns deles, e, na perspectiva desse trabalho, dos mais eloquentes. Essas são constantes que podem ser identificadas em diversos de seus livros e

⁹⁷ NEVES, Margarida de Souza: “O Encantamento do Passado. Luis da Câmara Cascudo, Historiador” (Projeto Integrado de Pesquisa – mimeo). PUC-Rio/ Departamento de História/ CNPq, Julho de 2000. p. 7

artigos, sejam de história, etnografia ou folclore. No que se refere à história, foram traçados ao longo deste trabalho algumas coordenadas de análise, principalmente em torno das noções de origem, tradição, testemunho, exemplaridade e posteridade. A presença e o conteúdo específico dessas noções no trabalho de Câmara Cascudo permitem aprofundar as raízes clássicas da obra histórica deste autor, e, por outro lado, permitem igualmente apontar algumas diferenças fundamentais entre o sentido que a história assume para ele e para os historiadores clássicos que dos quais se alimentou desde muito jovem mas dos que se afasta no que diz respeito à função da história que escrevem.

Não é possível concluir este trabalho afirmando que Câmara Cascudo é um historiador clássico, numa primeira aproximação, porque essa afirmação recairia num anacronismo evidente. Mas há outra razão que impossibilita uma resposta afirmativa: o significado que a escrita da história e a prática da história assumem para ele. O empenho de Cascudo ao tentar retratar e registrar as festas e ritos populares de nosso país não pode ser desconsiderado, nem muito menos ignorado. Mas se pensarmos em um projeto de Brasil, ou na busca da construção de uma identidade nacional – perspectiva tão cara aos modernistas - talvez tenhamos dificuldades de identificá-los no trabalho e na atividade intelectual de Cascudo. Sua idéia de identidade está referida, por um lado, à afirmação da particularidade regional e mesmo local e, por outro, à busca dos nexos entre essa particularidade e um Universal na cultura.

Por outro lado, seus escritos históricos sublinham um protagonismo pessoalizado, que suas biografias exemplares confirmam; o entendimento de que são pessoas excepcionais – não necessariamente por sua riqueza material ou lugar social -, diferenciadas do conjunto amorfo da sociedade, os agentes sociais por excelência; a importância primordial das noções de “família” e “pátria” na experiência histórica brasileira; e, finalmente, a prevalência do universo privado e das relações pessoais sobre a arena pública e os direitos sociais como cenários históricos e mediações privilegiados. Da leitura de suas obras históricas parece emergir uma sociedade sempre sem conflitos que não apresenta atritos interiores e morais; uma experiência histórica marcada pela heroicidade pessoal de alguns; um cenário histórico presidido pela continuidade. O Brasil que nelas se desenha parece ser, sobretudo, um país ordeiro; uma tradição que, na mais particular e local

de suas manifestações culturais, enlaça com as grandes tradições ocidentais; uma memória que registra a pluralidade e a grandeza moral e apaga a violência e a exclusão mesmo quando se debruça, por exemplo, sobre o passado colonial e escravista, como no caso de episódios narrados em livros como Made in Africa⁹⁸ ou no prefácio à tradução que faz do livro de Henry Koster⁹⁹.

Seu projeto parece apontar muito mais para o enlace do local e do particular com o universal do que para questões relativas à identidade nacional, e a sua preocupação maior está em construir um trabalho que possa legar aos tempos futuros uma memória solidamente construída. Nessa perspectiva, a busca das origens e o registro das tradições podem estar relacionadas a uma perspectiva da história clássica, tal como foi visto na relação de seus escritos com algumas características da história proposta por Heródoto, principalmente porque “a verdadeira arte e ofício do historiador eram sempre para esse *provinciano incurável*, construir Memória.”¹⁰⁰.

É interessante perceber como para Cícero e Heródoto a narrativa histórica é a narrativa de fatos memoráveis, mas não somente de acontecimentos positivos. A guerra é um fato memorável, pois ela constrói e permite ao homem lapidar sua formação, seja privada ou pública. Para Cascudo a escravidão, por exemplo, é memorável mas não por ser uma experiência denunciadora de nossos problemas e nossas práticas de exclusão. Ela é memorável pois é através dela que podemos encontrar as raízes, e o lugar hierarquicamente posto, se comparada às contribuições dos europeus e mesmo dos indígenas, da contribuição negra para a cultura brasileira, sendo possível identificar seus traços na comida, na dança, na religião que nos remetem à outras terras, outras civilizações e que, juntamente com as

⁹⁸ CASCUDO, Luis da Camâra. Made in Africa: Pesquisas e notas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

⁹⁹ IDEM. *Viagens ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Coleção Brasileira, vol. 221.(Henry Koster, traduções e notas de Cascudo). (indicado na Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, volume 40, número 28, dezembro de 1998).

¹⁰⁰ NEVES, Margarida de Souza. "Artes e Ofícios de um 'Provinciano Incurável' ." IN: Projeto História. Nº 24 "Artes da História e outras linguagens. São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós Graduação em História. 2002. pp. 65 a 86

contribuições das duas outras “raças” formativas do povo brasileiro, unem o particular do Brasil com o Universal da humanidade.

A pergunta que serve de título à esta monografia não pode ser respondida de forma simplista. É possível voltar ao início deste trabalho fazendo uso mais uma vez das considerações de Nietzsche, podendo afirmar que Câmara Cascudo estaria perfeitamente inserido no que o filósofo chama de “historiador tradicionalista”¹⁰¹. Seu perfil tradicional e conservador pode servir de ponte para pensarmos em Cascudo enquanto um historiador clássico.

Se é verdade que é possível identificar *raízes clássicas* na história escrita por Cascudo, para utilizar a célebre formulação de Momigliano, e se é certo que essas raízes clássicas não são apenas uma expressão da erudição daquele que se confessa um “*viciado da literatura greco-latina*”, mas, sobretudo, a busca de vencer a ação corrosiva do tempo que passa, o desejo de edificar as gerações futuras pela narração dos grandes feitos do passado e a valorização da história como o tesouro fundante da tradição e, nesse sentido, Cascudo pode ser aproximado dos historiadores clássicos, cumpre não esquecer que, se a grande inovação trazida por Heródoto foi fazer a História descer do Olimpo e passar para o mundo dos homens e Cícero soube descobrir nela uma ferramenta de ação na arena pública, Cascudo se afasta da perspectiva desses historiadores clássicos. Não apenas porque não inova mas reafirma a historiografia mais tradicional de seu tempo, mas também porque seus atores históricos são apresentados como semi-deuses e o cenário histórico que privilegia é, sobretudo, o universo privado e o mundo das relações pessoalizadas. Nesse sentido, o autor potiguar difere profundamente de Heródoto e de Cícero e se aproxima de uma forma de entender a história e sua função mais próxima daquela do colecionador e do antiquário.

Câmara Cascudo, um historiador clássico?

A pergunta continua sem uma resposta unívoca, como talvez aconteça com todas as perguntas sobre as quais vale a pena debruçar-se. Mas sem dúvida foi, para a autora deste trabalho, uma pergunta “boa para pensar”.

¹⁰¹ NIETZSCHE, Friederich. Considerações Intempestivas. Rio de Janeiro, Ed. Presença.

Bibliografia:

- ABREU, Martha. "Câmara Cascudo para historiadores" IN Sesmaria – Revista do NEHPS. Rio de Janeiro, ano 1, Nº1, 2001.
- CASCUDO, Luis da Câmara. "A Função dos Arquivos". Separata da Revista do Arquivo Público, ano 7a 10, n. 9-12, Recife, Arquivo Público, 1952-1956.
- _____. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo, 1988.
- _____. Dois Ensaios de História. Natal, Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, 1965.
- _____. Gente viva. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- _____. Viagens ao Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Coleção Brasileira, vol. 221.(Henry Koster, traduções e notas de Cascudo). (indicado na Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, volume 40, número 28, dezembro de 1998).
- _____. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- _____. Jerônimo Rosado – 1861-1930. Uma Ação Brasileira na Província. Rio de Janeiro, Pontegi, 1966.
- _____. Literatura Oral no Brasil. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 3ª ed, 1984.
- _____. Locuções Tradicionais no Brasil. Rio de Janeiro, Funarte, 3ª ed., 1997.
- _____. Made in África: Pesquisas e notas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- _____. Tradição, Ciência do Povo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.
- _____. Viajando o Sertão. Natal, Fundação José Augusto – CERN, 3ª ed, 1984.
- CAVALCANTE, Berenice. "Antigos e Modernos: histórias de uma tradição" IN Modernas Tradições. Rio de Janeiro, Access, 2002.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Forense, 2000.

- CÍCERO. Dos Deveres. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002.
- FARIAS, Mirella de Santo. Memórias de um Menino Sertanejo. O Sertão de Luis da Câmara Cascudo (monografia de bacharelado). PUC-RJ, 2001.
- HARTOG, François. A História de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001.
- _____. O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- HERÓDOTO. História. (Introdução e Tradução de Mário da Gama Kury.) Brasília, Ed. UNB, 1988. (2ª ed)
- LE GOFF, Jacques. “Memória” IN Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.
- MARAVALL, Jose Antonio. Antiguos y Modernos. Madrid, Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1966.
- MELLO, Luiza Laranjeira da Silva. O Gorila, o Homem e o Robo. A tensão entre tradição e progresso na obra de Luis da Câmara Cascudo (monografia de bacharelado e licenciatura em História). Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2000.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. The Classical Foundations of Modern Historiography. Los Angeles, University of California Press, 1990.
- NEVES, Margarida de Souza. “Artes e Ofícios de um Provinciano Incurável.” IN: Revista Projeto História. Nº 24 “Artes da História e outras linguagens”. São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós Graduação em História. 2002. pp. 65 a 86.
- _____. “O Sertão (en) cantado: cores e sonoridades” IN STARLING, Heloisa et al (orgs) Decantando a República.
- NIETZSCHE, Frederich. Considerações Intempestivas. Rio de Janeiro, Ed. Presença.
- NORA, Pierre. “Entre a História e a Memória. A problemática dos lugares” IN Revista Projeto História nº 10, São Paulo, Educ, 1981.
- ORTIZ, Renato. Românticos e Folcloristas. Rio de Janeiro, Olho d’água, 1992.
- POMIAN, Krzysztof. “Coleção” IN Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984.
- PESCHANKY, Catherine Darbo. O Discurso do Particular. Ensaio sobre a investigação de Heródoto. Brasília, UNB, 1998.

REVEL, Jacques. “A Beleza do Morto” IN A Invenção da Sociedade. Difusão Editorial, Lisboa.

STOCKTON, David. Cícero. A political Biography. Nova York, Oxford University Press, 1971.